



CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM SOCIEDADE,  
CULTURA E FRONTEIRAS

JOSÉ AFONSO DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU DURANTE E DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA  
USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU BINACIONAL**

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

JOSÉ AFONSO DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU DURANTE E DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA  
USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU BINACIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível de Mestrado.

Linha de Pesquisa: Sociedade, Trabalho e Políticas.

Orientador: Profº PDrº João Jorge Correa

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

JOSÉ AFONSO DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU DURANTE E DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA  
USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU BINACIONAL**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Profº Drº Ricardo Roberto Behr  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Efetivo Convidado

---

Profº Drº Ivo José Dittrich  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Membro Efetivo da Instituição

---

Profº Drº Amarildo Jorge da Silva  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Membro Efetivo da Instituição

---

Profº Drº João Jorge Correa  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Orientador

Foz do Iguaçu, 23 de novembro de 2012.

## **Dedicatória**

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” Jesus Cristo

Ninguém jamais ousou dizer isso com tanta propriedade. Dedicou a sua vida para a felicidade de todos, amou até o fim padecendo em morte humilhante de cruz, sofrimento atroz, mas retornou à plenitude da vida por todos nós.  
A Ele, Jesus Cristo, a dedicação, não só deste trabalho, mas da minha própria vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um ato de generosidade, de reconhecimento de nossas limitações e da grandeza dos outros que nos ajudam. Por isso temos mesmo muito que agradecer, começando pelos incentivadores do meu mestrado, meus amigos Amarildo Jorge da Silva, meu ex-aluno e Mauro José Curi. Para ambos a minha eterna amizade.

Ao meu orientador, pleno de conhecimento, sabedoria e muita paciência, João Jorge Correa a quem fizemos amizade no transcorrer de todo esse período.

Agradecer a meus pais, que já vivem hoje em outra dimensão, mas José Gonçalves de Oliveira foi um homem exemplar, bom pai, excelente pessoa, inteligente em que pese nunca ter estudado. Analfabeto, sábio o suficiente para formar os filhos. Maria Gonçalves de Oliveira, popularmente conhecida como Dona Mariazinha, costureira, educou os filhos, conseguindo formá-los em tempos que isso não era assim tão comum.

A meu irmão, Luiz Augusto de Oliveira, engenheiro, homem de grandes qualidades e muita integridade com quem divido a felicidade de ter existido por obra e graça também de nossos pais que sempre nos amaram muito.

A minha Carminha, Professora, isso mesmo com P maiúsculo, Carmen Ficht de Oliveira que amo perdidamente e juntos tivemos a felicidade de uma vida cúmplice no amor e na felicidade da geração do nosso filho amado.

Ao Carlos Eduardo Ficht de Oliveira, nosso filho, médico dedicado, competente que só nos enche de felicidade e de orgulho e conosco vai realizando também a sua vida.

A Paula Bartholomay, psicóloga, convivendo com o Carlos Eduardo e com ele muito fazendo profissionalmente, encontrando-se e realizando-se.

Ao Sr. Bruno Ervino Ficht que vive hoje em outra dimensão mas que soube viver intensamente, tendo ideias próprias que defendeu, vida afora.

A Dona Johanna Matilde H. Ficht que não está mais conosco mas que em vida foi só bondade, carinho e amizade, jamais uma sogra, provavelmente uma grande amiga.

Ao Raul Ficht, Seicho Imai Ficht que juntos sempre lutaram e tiveram a Melissa Imai Ficht que nas artes se encontra e vive a felicidade com o seu Chicão.

Ao meus diletos amigos, Ildo Carbonera e Amarildo Jorge da Silva em momento tão difícil em minha vida, durante o transcurso do mestrado, a minha eterna amizade.

Ao meu amigo Dr. Ricardo Roberto Behr que, em outros momentos, sofreu muito por esta universidade e agora tenho a satisfação de tê-lo avaliando o meu trabalho que ele conhece tão bem, pois que vivenciou muito do que está aqui colocado.

A todos enfim, próximos ou distantes a felicidade de compartilhar todo esse trabalho, resumo de toda uma vida dedicada a educação, o nosso mais sincero MUITO OBRIGADO por tudo.

OLIVEIRA, José Afonso de. **A educação em Foz do Iguaçu durante e depois da instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional**. 2012. 70f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

## RESUMO

Mostramos a cidade de Foz do Iguaçu como ela foi constituída, sofrendo as modificações até o presente momento. Uma coisa é o surgimento da cidade que firma-se também com a ideia da modernidade. Modernidade esta que está atrelada às condições do desenvolvimento industrial do Brasil. O surgimento da Hidrelétrica de Itaipu, sua construção e entrada em funcionamento dão as novas dimensões da cidade e sociedade de Foz do Iguaçu. Agora a modernidade que se encontra superada no mundo pela Revolução Tecnológica da década de 80, do século passado, coloca novas situações com o desenvolvimento do conhecimento científico-tecnológico. Isso, de alguma maneira, vai surgir com a instalação e funcionamento dos cursos universitários na cidade de Foz do Iguaçu onde eles cumprem papel importante no sentido de formar novos cidadãos para uma sociedade que está surgindo em nível global. O ápice desse processo é a constituição e entrada em funcionamento da Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA – que, dentro de um novo paradigma, busca trabalhar a questão da interdisciplinaridade com cursos inovadores para formar a elite latino-americana, tanto política quanto empresarial.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Educação na Fronteira; Foz do Iguaçu.

OLIVEIRA, José Afonso. Education in Foz do Iguacu during and after installation of the Itaipu Hydroelectric Plant. 2012. 70f. Dissertation (Master in Society, Culture and Borders) – State University of West Paraná. Foz do Iguaçu.

### **ABSTRACT**

We show the city of Foz do Iguaçu as it was constituted, suffering the changes so far. One thing is the appearance of the city that also firm up with the idea of modernity. Modernity that is linked to the conditions of industrial development in Brazil. The emergence of the Itaipu Dam, construction and commissioning give new dimensions to the city and society of Foz do Iguaçu. Now that the modern world is overcome by the Technological Revolution of the 80s of the last century, brings new situations with the development of scientific and technological knowledge. That, somehow, will arise with the installation and operation of university programs in the city of Foz do Iguaçu where they fulfill important role in forming citizens for a new society that is emerging in global level. The culmination of this process is the establishment and commissioning of the Federal University of Latin American Integration - UNILA – that, within a new paradigm, seeks to work with the issue of interdisciplinary innovative courses to form the Latin American elite, both political and corporate.

Key-words: Interdisciplinarity; Education border; Foz do Iguaçu.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. CONSTITUIÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E DELIMITAÇÃO DAS FRONTEIRAS</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Conceito de Modernidade</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Os efeitos da modernidade na região de Foz do Iguaçu</b>	<b>21</b>
<b>1.3 E chegamos à década de oitenta do século passado</b>	<b>32</b>
<b>2 OS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU</b>	<b>40</b>
<b>2.1 A emergência e consolidação do Ensino Superior na região de Foz do Iguaçu</b>	<b>51</b>
<b>3 REFLEXÕES FINAIS</b>	<b>62</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Estudar a realidade é importante, especialmente a sua relação com a educação. Trabalhando, há muitos anos, com educação, podemos colaborar para aprofundar o conhecimento a respeito dessa prática social, dentro de uma sociedade que se transforma com incrível rapidez.

Mais ainda, estudar a educação dentro de um novo contexto, não mais por uma única ótica, senão pelas diferentes posições e conhecimentos existentes na sociedade. Assim, dentro de um novo paradigma, fortemente marcado pela multidisciplinaridade e, principalmente, pela interdisciplinaridade ver o fenômeno da educação, como surgirá e se modificará até chegar ao que hoje se convencionou denominar como sendo um novo paradigma, uma nova visão de sustentação de todo o trabalho educacional na sociedade.

Cabe dizer que o Brasil está desempenhando um papel pioneiro nesse esforço de renovação dos modos de produção e transmissão do saber. Em particular, no domínio do ensino e dos estudos de cunho multi ou interdisciplinar, que tem multiplicado durante a última década – muitos deles com fim de aplicação de formas de trabalho mais abertas, inovadoras, apoiadas em uma colaboração inédita entre pesquisadores de diferentes disciplinas que, anteriormente, não costumavam trabalhar juntos. (RAYNAUT, 2011, pag. 69-70).

Assim um programa de pós-graduação que trabalha exatamente nesta ótica que se apresenta como inovadora chamou atenção, pois assim poderia entender melhor o fenômeno da transformação da sociedade e, dentro dele, ressaltar os aspectos pertinentes à educação.

Entendemos que a educação é hoje instrumento essencial para todas as sociedades, no momento em que vivemos a sociedade do conhecimento e, mais ainda, que ela deve, urgentemente, passar por uma grande transformação para dar conta de sua atualização para a sociedade atual, a multi e interdisciplinaridade nela tem que ser realizada, o mais rapidamente possível.

Como proposta, a interdisciplinaridade aborda a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, derrubando as fronteiras entre os conteúdos e os métodos, promovendo o desenvolvimento de estilos de pensamento adequados aos objetivos a alcançar e os conteúdos a desenvolver. Essa

perspectiva abre o conceito de conteúdo, incorporando não só dados e informações que fazem parte do currículo, mas também o contexto cultural, os valores, os afetos e os métodos. Não se pode esquecer que a complexidade exclui a possibilidade de obter uma análise de um sistema complexo pela simples adição de estudos setoriais correspondentes a cada um dos elementos. Daí o surgimento da demanda por um pensamento holístico, capaz de perceber as interrelações entre os diversos processos que as determinam. (PHILIPPI JR & SILVA NETO, 2011, p. 35)

Dadas essas questões foi bem por isso que resolvemos privilegiar em nossa pesquisa as questões pertinentes à educação em uma sociedade que se transforma, profunda e rapidamente, alcançando posições que seriam impensáveis anteriormente.

Trabalhamos com a metodologia dialética destacando as contradições que aparecem, nessa sociedade, entre a tradição e as transformações que vão se processando. Entendemos que a dialética é uma proposta metodológica que destaca as posições contrárias em determinados temas ou contextos, servindo para fazer avançar a pesquisa no exato ponto em que temos uma sociedade tradicional e que a ela corresponde também uma prática tradicional ou mesmo conservadora de educação.

Em outro momento, desta mesma sociedade a transformação que viveu elevou-a rapidamente, a uma posição no mundo globalizado e, nesse sentido, buscou um processo educacional em curso altamente avançado, correspondendo, por isso mesmo, às mudanças que estão se operando na atualidade.

Procuramos entender a sociedade de Foz do Iguaçu nos seus três aspectos. Primeiramente uma visão da formação dessa sociedade, desde as suas origens para nelas situar os primórdios do processo educacional e sua importância. Neste sentido, fomos longe no tempo porque estamos tratando de uma sociedade bem diferenciada de outras, no mesmo período histórico e, por isso mesmo há necessidade de uma percepção de suas origens para destacar aspectos relevantes que vão surgindo. O segundo aspecto trata-se de uma análise mais pontual do tema modernidade. O terceiro elemento em análise é a grande transformação na sociedade de Foz do Iguaçu com a construção da Hidrelétrica de Itaipu que tem já nas suas origens o conceito de ser a maior fonte geradora de energia elétrica do planeta.

Destacamos as concepções de educação e abrimos espaço também para o início dos cursos superiores na cidade. Explico como isso foi possível em uma sociedade tradicional, com uma educação conservadora e com grandes falhas na sua organização. Foi possível entender que a educação pode avançar, e bastante, arrumando-se uma saída para os principais problemas de organização existentes no sistema educacional da cidade.

Ainda dedicamos, detalhadamente, como é gerada uma nova sociedade em Foz do Iguaçu, tendo por finalidade exclusiva o atendimento da construção da hidrelétrica de Itaipu. A essa nova realidade demos o nome de “sociedade dos crachás”, pois que organizada de acordo com a hierarquia existente dentro das empreiteiras responsáveis pela construção civil, tanto quanto também da própria Itaipu Binacional.

Assim as vilas residenciais e demais pontos de encontro social, como igrejas, clubes, hospital, colégios e centros comunitários atendem às necessidades de acordo com a posição de seus ocupantes dentro da construção da hidrelétrica. Esse fato destaca as várias categorias sociais existentes e, mais do que tudo isso, o projeto de controle, realizado pela segurança da Itaipu Binacional.

Em meados da década de 80, do século passado a hidrelétrica está concluída e entra em pleno funcionamento. Esse fato coincidindo com toda uma crise existente no mundo e muito acentuadamente no Brasil provoca uma série de mudanças com graves consequências.

O afrouxamento dos controles de nossa alfândega com o Paraguai favorece o crescimento de um intenso comércio, trazendo uma grande migração para a cidade e condições bastante difíceis de sobrevivência para grandes parcelas da população.

Coincidindo com a desativação das obras da Itaipu Binacional alguns, equivocadamente, creditam toda a miserabilidade existente a esse fato, exclusivamente, sem outros olhares mais amplos e vastos que possibilitem um entendimento maior da realidade que se estava vivenciando.

É certo que muitos trabalhadores, dispensados da Itaipu, permanecem na cidade pois que não existem mais grandes obras no país, por conta da crise econômica que se estava vivendo. Eles tendem, alguns ao menos, a encontrarem outros empregos e, evidente alguns ficarão permanentemente desempregados engrossando o número daqueles que vivem em estado de miserabilidade.

Buscamos também destacar na construção de hidrelétrica de Itaipu todo o contexto em que ela foi rápida e eficientemente construída. A Usina de Itaipu significará também o grande avanço brasileiro na área de construção civil de barragens, com tecnologia própria que vai sendo exportada. Da mesma forma vamos adquirir alta tecnologia na área de engenharia elétrica e suas complexas tecnologias industriais de sorte a sermos procurados internacionalmente.

Evidente que Itaipu significou um grande impacto ambiental, mas é de se destacar também que foi montado e continua sendo desenvolvido amplo projeto de recuperação ambiental e hoje Itaipu aparece como modelo internacional de desenvolvimento sustentável.

É assim que, numa região por excelência binacional, ou seja, além das fronteiras nacionais, temos toda uma grande experiência e vivência de tudo aquilo que será o mundo nesta fase atual da globalização. Não estamos tipicamente nem no Brasil, nem no Paraguai, senão que numa junção de fronteiras consagrada pelo Direito internacional que se apresenta como uma grande novidade em termos das novas realidades que estão surgindo.

De outra forma a sociedade constituída em Foz do Iguaçu consegue viver a sua integração com mais de 82 grupos étnicos diferentes sem que haja qualquer registro de ocorrências por conta dessas diferenças culturais.

Essa convivência com grupos étnicos diferentes apresenta-se também como sendo o novo paradigma da sociedade globalizada onde a existência de um mercado que extrapola as fronteiras nacionais exige um clima de harmonia e paz para que possa haver caminhos de prosperidade.

Neste sentido, cumpre-nos compreender o papel importante que a educação pode proporcionar como elemento de sustentação para uma sociedade que a cada dia se insere no competitivo e diferenciado espaço da globalização.

## **1. CONSTITUIÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU: OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E DELIMITAÇÃO DAS FRONTEIRAS**

Naqueles momentos que antecederam o processo de colonização a demarcação de terras realizada em 1494 entre a Espanha e Portugal, conhecido como Tratado de Tordesilhas delimitava todas as áreas que hoje são conhecidas como sendo o Oeste do Paraná como terras pertencentes à Espanha. Portugal nunca se mostrou interessado em povoar essa região, pois que o rico litoral do Nordeste e, posteriormente, a região de Minas Gerais rendiam os dividendos necessários para a sua acumulação de capitais.

Na calha do Rio Paraná, no transcorrer de parte dos séculos XVI e XVII foi constituída as Reduções Jesuíticas dos Índios Guaranis, experiência única do encontro de culturas distintas sem que existisse qualquer possibilidade de destruição. Ao contrário houve intensa aproximação, permitindo o surgimento de uma sociedade distinta ou, no dizer de Kern (1982) a realização de uma utopia social que terá profunda repercussão na história da humanidade. Sociedade auto-sustentável, vivendo independente da economia colonizadora, mas submetida ao rei da Espanha e sob a dominação da Igreja.

O que possibilitou, em grande parte, a formação dessa sociedade original foi também o desenvolvimento de um processo educacional, onde se aliavam a teoria e a prática no sentido de promover a sociedade que estava sendo criada.

Mas essa sociedade, inédita em termos da humanidade, atentava também, de alguma forma, a todo projeto colonizador, na medida em que, sendo auto-sustentável, demonstrava, na prática, a ineficácia ou inutilidade da colonização. (KERN, 1982).

Foi exatamente esse o motivo dos atritos entre as coroas portuguesa e espanhola que motivou a destruição dessa experiência, ocasionando a necessidade da demarcação das fronteiras territoriais.

O Tratado de Badajós de 1800 determina os territórios pertencentes à Espanha e Portugal. O surgimento posterior dos processos de independência latino-americano será assentado sobre essa realidade, trazendo também algumas modificações conforme o surgimento de novas necessidades.

Isso quer dizer, na prática que todo o Oeste do Paraná nasceu pertencente à Espanha e somente nos primórdios do século XIX torna-se pertencente a Portugal, firmando-se assim nova identidade.

É também na segunda metade do século XIX que temos um novo conflito com a Guerra do Paraguai que vai devastar completamente esse país independente, tendo contra si a coligação dos exércitos do Brasil, Argentina e Uruguai. O Uruguai é um estado tampão entre o Brasil e a Argentina, constituído sob inspiração do Império Britânico que dominava também as economias agro-exportadoras do Brasil e da Argentina. A possibilidade de um Paraguai industrializado que estava se transformando em realidade, tal qual também ocorria, naquele momento, no norte dos Estados Unidos, implicava graves problemas e, evidentes conflitos de interesses comerciais com a Inglaterra.

Imaginar que essa ideia pudesse ser predominante em outras áreas de colonização da América transformava-se em um perigo para o desenvolvimento industrial da Inglaterra e, por isso mesmo havia a necessidade de que essa experiência não prosperasse.

Também do lado do Paraguai, sem saída para o mar, a navegabilidade do Rio Paraná era de fundamental importância para os seus contatos comerciais: Estados Unidos, Brasil, Argentina, França, Alemanha e Inglaterra. Assim, o aumento das taxas de alfândega do porto de Buenos Aires, controlado pelos ingleses, apresenta um aumento das dificuldades de comercialização do Paraguai que poderia, em ato extremo, chegar completamente ao fechamento.

Em 1870, ao término da Guerra do Paraguai novas fronteiras são demarcadas onde, provavelmente, tanto o Brasil quanto a Argentina tiveram modificações acrescentando terras aos seus respectivos espaços territoriais cuja comprovação torna-se, ainda hoje, difícil, dado que vários documentos existentes foram mantidos em regime de segredo, por mais de 100 anos.

Preocupado com essa realidade o governo brasileiro resolve adotar a política de povoamento de fronteiras, garantindo assim a sua posse. Para tanto, no regime monárquico o Exército é convocado para iniciar a ocupação dessa região fronteiriça. Assim, é criada a Colônia Militar do Iguaçu, um destacamento militar para iniciar a ocupação da região limítrofe entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina.

Mas a república significa também a ascensão ao poder de grupos militares positivistas que desejam a modernidade do Brasil. Esta modernidade será identificada com o processo de industrialização, sendo necessário industrializar o Brasil de sorte que pudessemos ter uma visão de prosperidade e de engrandecimento nacional. Essa ideia também está

inserida na formação do Estado Nacional, onde o espaço territorial é bastante valorizado e pleno de vários significados.

Temos assim a formação de uma concepção de um Estado Nacional que vai também coincidir com a modernidade, no sentido de termos um processo de industrialização que será realizado de forma rápida, por decreto, ainda no chamado governo provisório, no que ficou conhecido como sendo a Política do Encilhamento<sup>1</sup> cujo fracasso tornou-se visível.

De qualquer maneira é com a Colônia Militar do Iguaçu que a política de povoamento e ocupação territorial será efetivada.

No entendimento de Pombo (1980) tínhamos a constituição dos sertões paranaenses que definiam bem a região Oeste do Paraná, então coberta com mata nativa de difícil acesso. Entretanto, o autor anunciava a vocação de grandeza e progresso da região.

Desde o final do século XIX e primórdios do século seguinte a região, coberta pelas matas ciliares do Rio Paraná será utilizada intensamente para a produção de erva mate. Especialmente argentinos serão os proprietários de grandes áreas de terras, tendo como mão-de-obra indígena procedentes do Paraguai. Toda essa economia tem como destino a comercialização, utilizando o Rio Paraná como via de comunicação com o porto de Buenos Aires para o escoamento da produção. Também os ingleses terão interesses na produção de erva mate constituindo a Companhia Mate Laranjeira para exploração e comercialização.

Em 1914 é criado o Município de Foz do Iguaçu e extinta a Colônia Militar do Iguaçu. O Município terá como limite territorial as demarcações do Município de Guarapuava ou, dito de outra forma, metade do atual Estado do Paraná era o Município de Foz do Iguaçu, significando também que era praticamente impossível entrar em terras com mata nativa até os seus limites territoriais.

Com o término da Primeira Guerra Mundial (1918), estando a Europa devastada, no seu esforço de reconstrução, tem início na região a instalação de companhias madeireiras com a finalidade de realizar o corte das árvores de madeira de lei das matas ciliares e através da calha do Rio Paraná transportar via porto de Buenos Aires para o seu destino final: a Europa.

Resulta que teremos um povoamento relativamente pequeno, entretanto, de alguma maneira Foz do Iguaçu nasce voltada muito mais para o mundo do que para o Brasil. Era mais fácil e acessível o contato com a Argentina do que com o Brasil. Exemplo disso era a impossibilidade de qualquer contato com Curitiba através dos sertões paranaenses.

---

<sup>1</sup> Política de Encilhamento foi realizada durante o Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1990) pelo Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, objetivando realizar a industrialização do Brasil, por decreto, realizando uma política de emissão monetária sem o devido lastro o que acabou gerando violenta inflação.

Todo o abastecimento de Foz do Iguaçu, da mesma forma que o comércio de sua produção era realizado através do Rio Paraná onde barcos navegavam e, atracando no Porto Oficial, realizavam a comercialização de produtos necessários para o sustento da população.

Até a moeda que circulava na pequena cidade era proveniente da Argentina e não existia nenhuma instituição civil do governo brasileiro na região que tivesse a incumbência de arrecadação de tributos (WACHOWICZ, 1982). Isto só será possível e viável na medida em que são abertas nas matas caminhos que, mesmo precários, possibilitam um trânsito, lento e difícil, entre Foz do Iguaçu e outras localidades. Pode-se transitar em carroças com tração animal entre Foz do Iguaçu e Guarapuava e daí até Curitiba levando um tempo considerável e dificuldades para serem vencidas, ampliadas por grandes estiagens ou chuvas intermitentes.

De outra forma a destruição das matas ciliares do Rio Paraná para a obtenção de madeira provoca também o fim da extração e produção da erva mate e abre a região para o início de novas atividades havendo um surto de valorização das terras que até então não tinham valor. Agricultores procedentes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul começam um deslocamento para a região. Essa expansão transformará a região efetivando de forma mais sólida um amplo processo de ocupação de espaço e de fronteiras. Trata-se de uma agricultura familiar, produtora de bens alimentícios de subsistência e na medida em que vai se constituindo e crescendo começa a gerar excedentes que passam a movimentar um pequeno comércio.

Mas toda essa ocupação será bastante lenta e de pequenas dimensões, transcorrendo especialmente na primeira metade do século XX.

## **1.1 Conceito de Modernidade**

A modernidade no Ocidente tem início por volta do século XVI quando o mundo europeu sofre uma transformação radical. A Idade Média começa a entrar em decadência, por volta do século XIII e o seu desaparecimento no século XVI é visível quando da substituição de sua ordem social. Deixa de ser um mundo teocrático, onde a fé era a forma encontrada para o entendimento da sociedade e, devido a isso, havia uma aliança entre o poder temporal e o poder espiritual originando o que se conhece como a cristandade.

No século XVI a fé é substituída pela razão, cuja origem é o mundo do cálculo, fundamental para o desenvolvimento e expansão do capitalismo comercial. É no retorno à

Idade Antiga, de forma especial na Grécia e em Roma que serão buscadas as bases para essa nova realidade racional, no que ficou conhecido como sendo o Renascimento: renasce assim a mentalidade racional em substituição à mentalidade religiosa.

A aspiração talvez mais genuína do projeto filosófico da modernidade, cuja primeira realização histórica foi, sem dúvida, a razão cartesiana, reencontra de alguma maneira, após o declínio do pensamento medieval e da tradição renascentista, os desafios teóricos que estão na origem da filosofia antiga. Em correspondência com a crítica do mito, a filosofia moderna é, primeiramente, uma crítica da tradição teológica cristã. É, igualmente, a descoberta de uma nova forma de razão, capaz, por um lado de submeter o destino aos desígnios humanos e, por outro, de interpretar a natureza para melhor dominá-la e transformá-la. (VAZ, 2002, p. 98).

Mas o surgimento do mundo moderno coincide também com a questão da liberdade humana. É com a Reforma que tudo isso vem à tona, no momento em que, utilizando do pensamento de Santo Tomás de Aquino afirma-se o princípio do livre arbítrio.

Podemos perceber que a modernidade surge na história da humanidade no interior do conceito de liberdade, onde o homem, senhor de si mesmo, é capaz de realizar grandes obras. Isso, por exemplo, é visível nas grandes obras dos pintores e escultores renascentistas, tanto quanto também na iniciativa dos europeus de dominarem o desconhecido, realizando as grandes navegações e tornando-se senhores do Novo Mundo recém descoberto.

A liberdade absoluta, mesmo pensada como instância concreta do sujeito transcendental, que é universal por definição, ou do sujeito das carências sensíveis que devem ser necessariamente atendidas, tende a emigrar para os sujeitos coletivos, que passam a reivindicar para a si a única transcendência possível e, portanto, o único uso absoluto da liberdade na imanência da história, apresentando-se como portadores de uma racionalidade absolutamente universal: o estado, a tecnociência como organismo auto-regulado de produção de conhecimentos, o mercado, enfim. (VAZ, 2002 p. 127).

É justamente neste espírito da modernidade que passa a ter sentido a compreensão do mundo através do pensamento racional. Tudo pode e deve ser explicado racionalmente e o que não é racional, não existe, pertence ao mundo da fábula, da ilusão. Dessa forma a modernidade opõe-se à posição metafísica que dominou o mundo medieval. Mas a modernidade construiu um mundo que, parecendo impecável, gerou toda uma forma produtiva de máxima eficiência no contexto de um novo sistema econômico: o capitalismo que privilegia o lucro. Este sistema foi pródigo ao acumular um grande capital e gerar uma

nova ordem social, reorganizando o caos da desintegração do feudalismo em detrimento da organização do sistema capitalista.

A prosperidade gerada pelo capitalismo comercial, onde o cálculo do lucro era essencial, passou a dominar o mundo Ocidental gerando essa nova mentalidade da obtenção do lucro que se opunha frontalmente ao pensamento do lucro como algo negativo, pecaminoso, na denominada Teoria do Justo Preço, prevalecente durante toda a Idade Média.

Mas esta acumulação do capital comercial só pode existir no momento em que os europeus, portugueses e espanhóis, resolveram sair mundo afora afrontando o desconhecido, no denominado movimento das Grandes Navegações. Sabedores que eram de que o mundo era redondo, pois que isso já estava esclarecido com Galileu e John Kepler a consequência prática era a verificação da possibilidade de encontrar outras terras, habitadas ou não, mas que, ao final ficava comprovada a esfericidade da terra. O grande pensador dessa nova sociedade será Isaac Newton afirmando que “não devemos admitir mais causas para as coisas naturais do que as que são verdadeiras e suficientes para explicar suas aparências”.

Mas o capitalismo comercial exige, para obter maior lucratividade, uma evolução gerando assim o denominado capitalismo industrial, quer dizer, o capital não se acumula mais somente na troca, agora ele tem a preferência na produção. Máquinas, equipamentos, tudo isso só pode ser explicado como uma necessidade de atendimento do processo de acumulação de capitais. Por isso também teremos a evolução das formas de energia humana e animal para o vapor, o petróleo e a hidroeletricidade. Corresponde a tudo isso o surgimento de uma pretensa sociedade racional burguesa que passa a ser entendida como sendo a nova ordem social, absolutamente correta, sem qualquer possibilidade de ser contestada, exatamente por conta de sua racionalidade. É também nesse contexto que a ciência vai se desenvolver dentro da concepção de uma racionalidade que privilegia a razão em detrimento de qualquer outra manifestação do ser humano.

A ideia da modernidade está, portanto estreitamente associada à da racionalização. Renunciar a uma é rejeitar a outra. Mas a modernidade se reduz à racionalização? É ela a história dos progressos da razão, que são também os da liberdade e da felicidade, e da destruição das crenças, dos pertences, das culturas “tradicionalistas”? A particularidade do pensamento ocidental, no momento da sua mais forte identificação com a modernidade, é que ele quis passar do papel essencial reconhecido à racionalização para a ideia mais ampla de uma sociedade racional, na qual a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica, mas o governo dos homens tanto quanto a administração das coisas. Tem essa concepção um valor geral ou ela nada mais é que uma experiência histórica particular, mesmo que a sua importância seja imensa? (TOURAINÉ, 1994, p. 18)

É assim que a divisão do trabalho no mundo industrial possibilitou também a constituição de um pensamento científico que está fortemente calcado na divisão do conhecimento. Perdeu-se assim a noção do todo, tal qual também ocorreu no mundo do trabalho, pelas suas partes, advindo daí uma situação, no mínimo curiosa. Assim como o trabalhador não sabe mais o que produz, pois está especializado, produzindo uma parte do todo, ou se desejar, uma parte do produto final do trabalho, o cientista também não produz mais o conhecimento, senão uma parte especializada do conhecimento.

É de alguma forma explicável que a escola também seja organizada de acordo com esse procedimento. Teremos, pois um currículo escolar com as várias especialidades do conhecimento, cada vez mais subdivididas e mais pormenorizadas, de sorte que perdemos a finalidade maior do ato de conhecer. Não conhecemos mais a totalidade, senão uma pequena parte que não consegue explicar nada além de si mesma.

Portanto, a sociedade capitalista racional cria uma situação nova e original no sentido de, ao racionalizar a produção e tentar fazer o mesmo com a vida das pessoas, gera uma nova ordem social marcada pela divisão de subdivisão de funções.

Evidente que isso vai proporcionar um processo de grande acumulação de capitais, inexistente em outros tempos, portanto muito eficiente para a proposição que é feita de obtenção do maior lucro possível, no menor tempo.

Com esse enriquecimento surge também a ideia do nacionalismo, ou seja, as nações enriquecidas passam a ter um alto grau de competição para obterem a hegemonia mundial. Isso significa dominar os mercados fornecedores das matérias primas industriais ao mesmo tempo em que controlar, também, os mercados consumidores de bens industrializados.

Este movimento requererá do Estado Nacional a necessidade de um bom grupamento bélico, incentivando assim a indústria para fins de manutenção de soberania ou de ataques de conquista. O mesmo procedimento da indústria para fins pacíficos é também utilizado para essa modalidade de indústria bélica.

A essa ideia de enriquecimento capitalista realizada através do processo de acumulação de capitais nos setores produtivos avançados, contendo grandes conhecimentos científicos e tecnológicos agrega-se, a partir do século XIX a ideia fundamental do progresso.

Serão países avançados todos aqueles que conseguem ter um setor industrial complexo onde o conhecimento científico e tecnológico é amplamente utilizado. Essas novas sociedades, primando pelo principio da liberdade e de governos democráticos, tem na ideologia do progresso o seu motivo de incentivar ainda mais a produção. Deduz-se que um

país não industrializado é aquele que não consegue atingir as metas do progresso, sendo entendido como região atrasada no planeta.

O progresso é a formação de uma nação como forma concreta da modernidade econômica e social, como o indica o conceito, sobretudo alemão, de economia nacional, mas também a ideia francesa de nação, associada no pensamento republicano e leigo ao triunfo da razão sobre a tradição. (TOURAINÉ, 1994, p. 71).

No século XX a ideia de modernização estará, inevitavelmente atrelada ao conceito da industrialização dentro de uma nova ordem social, burguesa, privilegiando sempre a obtenção de lucro, geradora do processo de acumulação de capital.

Assim é muito clara essa questão quando, ao final do século XIX, aqui mesmo, no Brasil, um golpe militar impõe o fim da tradição pelo advento de uma reforma de governo conhecida como a República, cujo lema, estampado na bandeira nacional prega a ordem e o progresso. Veja que esse progresso não é bem a melhoria de condições de vida para todos, senão o advento de uma sociedade burguesa, cuja ordem implica na modernidade da construção do processo industrial.

Assim perpassa todo o século XX a ideia de que a modernidade está amparada ao processo industrial, ou, dito de outra maneira, uma sociedade só será próspera, avançada, na medida em que for também industrializada. Esse é realmente um pensamento forte pois que todos os países ricos avançados são industrializados e tendem à hegemonia mundial. Um país agrário, produtor de alimentos, ou ele também se industrializa e entra no processo da modernidade, ou passará a ser reconhecido como um país atrasado, fora do contexto do capitalismo avançado.

A ideia de modernidade com processo de industrialização advém do pensamento de Augusto Comte que ao tentar racionalizar a sociedade, defendendo uma determinada ordem burguesa mostrava esse fato como sendo indutor do progresso. Mas no século XIX quando o processo industrial ocupava o mundo, saindo da Europa e atingindo o Japão e os Estados Unidos essa identificação ficou muito mais clara, dado o alto progresso conquistado pela sociedade norte-americana.

O Brasil, país agrário de perfil colonizado, terá inserção tardia no capitalismo, só conseguindo esse fato em pleno século XX com o seu progresso industrial. Este foi realizado com tecnologia e capitais externos, através da utilização do Estado como elemento indutor de todo o processo industrial. Neste contexto já podemos pensar no surgimento de uma burguesia

industrial que buscará, sempre mais, uma expansão para afirmação do seu poderio na sociedade brasileira.

Assim é que algumas áreas não industrializadas serão alvo prioritário para toda essa expansão, sempre coincidindo com a mentalidade de avanço, progresso ou mais recentemente com a ideia de desenvolvimento nacional.

Portanto se pode afirmar que uma nação só será rica se a isso corresponder a instalação e o funcionamento do setor industrial, entendendo que este gera um brutal processo de acumulação de grandes capitais em curto espaço de tempo.

## **1.2 Os efeitos da modernidade na região de Foz do Iguaçu**

Vive o Brasil até o final da Primeira Guerra Mundial às margens das sociedades mais desenvolvidas. Ainda com fortes traços coloniais, o poder é ocupado por uma elite agrária que só vê o atendimento de suas necessidades como sendo essencial para a manutenção de um determinado *status quo* que se perpetua sem qualquer modificação importante.

Contra esse estado de coisas e querendo uma modernização do país, levantam-se os tenentes, lançando um Manifesto à Nação e dando início ao Tenentismo. Pensam os tenentes, oficiais do Exército, preparados em colégios militares e em academias que eles são capazes de salvarem o Brasil da corrupção e do atraso, surgindo daí a ideia de salvação nacional. Esse ideal salvacionista serve de motivação para as atitudes que serão desencadeadas. O pano de fundo desse movimento é a realização do processo de modernização, através da industrialização da economia. A reação do governo é imediata, transferindo os tenentes para pontos distantes do país a fim de desmobilizar o movimento.

Pegando em armas, Luiz Carlos Prestes, tenente do Exército no Rio Grande do Sul inicia uma marcha em direção à Foz do Iguaçu onde vai encontrar-se com Miguel Costa rebelado em São Paulo. A ideia dos rebelados é que ante a ameaça de um fracasso buscariam refúgio na Argentina ou no Paraguai. (CHIAVENATTO, 1983).

Em Foz do Iguaçu onde ficam acampados, cuja população fugiu para a Argentina e depois retorna, aos poucos, a na cidade que fica decidida a criação da Coluna Miguel Costa/Luiz Carlos Prestes que terá depois a denominação de Coluna Prestes como sendo um movimento revolucionário de transformação a partir do interior do Brasil.

Com a chegada de tropas federais sob o comando de Eurico Gaspar Dutra a Coluna Prestes adentra o território paraguaio, embrenha-se em Mato Grosso do Sul, caminhando pelo interior do Brasil por cerca de dois anos sem nunca ter vencido o Exército brasileiro, mas também jamais foi vencida por ele. Foi o maior movimento de uma nova tática militar, a guerrilha.

Aqui é importante perceber que a ideia de modernidade está plantada em Foz do Iguaçu desde esse momento de formação da Coluna Prestes e será um determinante importante no desenvolvimento da cidade e da região. De uma maneira muito forte a cidade entra no cenário nacional, mas até os dias atuais tal fato ainda não recebeu o interesse que merece mesmo nos livros didáticos.

E a cidade vai se constituindo lentamente, vivendo em grande isolamento. A saída desse isolamento já era percebida como essencial em 1905 quando da instalação da mesa de rendas<sup>2</sup> momento em que Manuel Azevedo da Silveira Neto afirmava: “o dia em que a locomotiva chegar a essa localidade, aproximando-a melhor do centro do Estado, será o início da fronteira oeste do Paraná no incalculável desenvolvimento com que tão fértil e majestosa região brasileira deslumbrará o sul do continente” (SILVEIRA NETO, 1939). O trajeto até a capital era difícil e demandava tempo e custos: saindo de Foz do Iguaçu, navegando pelo Rio Paraná até o porto de Buenos Aires e de lá em navio costeando o Brasil chegava-se à Paranaguá e, através de via férrea à cidade de Curitiba.

Foz do Iguaçu passa a viver voltada para si mesma, de vez que o comércio com os países vizinhos sofria as taxas tributárias o que passava a encarecer sobremaneira os seus produtos, ao mesmo tempo em que havia também grandes dificuldades de obtenção de mercadorias necessárias para o consumo dos habitantes da cidade. De outra forma a cidade estava completamente isolada, pois o interior do Paraná, na época era denominado de “sertões paranaenses” no dizer de Rocha Pombo. Fechada sobre si mesma a cidade vai ter um nível muito lento de desenvolvimento.

Nucleada na família a sociedade vai se constituindo de relações de proximidade e vizinhança. Cabe aos pais a formação dos filhos, entendendo que todos vivem em função do trabalho nas pequenas unidades produtoras de bens agrários. Não havia, inicialmente, necessidade de um conhecimento mais especializado, daí também que a família podia

---

<sup>2</sup> A instalação da Mesa de Rendas em Foz do Iguaçu ocorreu em 1904, através do Decreto Federal 5.292. O objetivo era tributar todo o comércio com os países vizinhos e também reafirmar a posse do território, por parte do governo federal.

transmitir técnicas e procedimentos de produção através da oralidade, no âmbito da vida familiar.

A figura do pai como provedor e dirigente da produção era essencial, ficando a mãe no cuidado da casa e das crianças. O local do trabalho coincide com a habitação e o convívio social, possibilitando assim uma grande integração e proximidade das pessoas. Nessa sociedade a família representa tudo na ausência de outras instituições. Ela não só representa a proximidade das pessoas por graus de parentesco, como também, amplia esses laços sociais em função de necessidades que vão surgindo.

A presença da Igreja também é bastante significativa seja como ponto de encontro das pessoas ou como uma forma de valorização de atitudes que possam ser tomadas como modelos a serem seguidos. Mais do que isso, no entanto, a Igreja tem todo um aparato já reconhecido e constituído que será útil para incrementar novas práticas que redundam em maior nível de produtividade e desenvolvimento.

Mas Foz do Iguaçu tem as suas peculiaridades enquanto formação social. Constituída às margens do Rio Paraná esta será a grande via de comunicação da cidade com o mundo externo. Assim o chamado Porto Oficial é o local privilegiado para o transporte quer de pessoas ou de cargas cujo destino é sempre outras cidades às margens do Rio Paraná, em território da Argentina ou então a própria cidade de Buenos Aires.

Essa é a forma encontrada para sair do seu isolamento tradicional e manter relações com o mundo externo. Ao mesmo tempo em que a vida da cidade é em função do Rio Paraná em cujas proximidades temos os prédios públicos principais, a Igreja e uma praça central da cidade. Ao mesmo tempo em que as margens do Rio Paraná identificam também as margens da sociedade daí porque, por exemplo, o cemitério se localize nessa área, tanto quanto também se entende que as margens são locais desprezíveis para a ocupação, motivo pelo qual o Rio Paraná passa a ser também o depósito de tudo o que não presta na cidade, uma espécie de lixo aberto, tendo o rio como aquele que faz a limpeza da cidade.

De outra forma o grupamento militar do Exército que tem a função de manter a soberania nacional nesse território está também localizado às margens do Rio Paraná mas voltado para o Paraguai. De alguma maneira existe sempre a preocupação quanto à ocupação do território, até mesmo por conta da realização do que foi, até o presente momento, o maior conflito da América, a Guerra do Paraguai.

É nesse contexto também que podemos entender o surgimento da Revolução de 1930, levando Getúlio Vargas ao poder com apoio armado dos antigos tenentes. Ao constituir, em 1937, o Estado Novo é criado também o Território do Iguaçu cuja sede será a cidade de

Laranjeiras do Sul. Essa será uma realidade de curta duração, mas tem na constituição do Parque Nacional do Iguaçu, em 1939, seu fato mais marcante e significativo. É a segunda unidade mundial de preservação ambiental e a primeira do Brasil, inaugurando uma nova percepção do desenvolvimento e da questão da modernidade.

Todavia, Foz do Iguaçu cresce lentamente. Isso delimita o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que gera níveis de aproximação muito grande entre as pessoas. Todos se conhecem e há também uma grande vigilância de todos sobre todos, onde a conduta das pessoas segue padrões pré-determinados. Qualquer estranho é imediatamente percebido e, de alguma forma, vigiado.

A vida transcorre durante o dia e, na falta de iluminação elétrica, a noite é feita para dormir. Qualquer outra atividade noturna passa a ser suspeita, levando os executores de qualquer ato a terem intensa vigilância e ser também motivo da conversa entre as pessoas. Claro está também que a falta de eletricidade implica também o atraso de várias atividades, impedindo níveis mais elevados de desenvolvimento social.

Com a ascensão do governo de Juscelino Kubitschek à presidência da República tem início no Brasil todo um processo de modernização cujo foco principal está posto na industrialização, realizada em comum aproximação do governo e do capital privado internacional. Processo extremamente rápido que possibilita, definitivamente, o ingresso do Brasil na modernização industrial. Tudo isso será possível pela disponibilidade de capitais, especialmente nos Estados Unidos.

Símbolo desse novo Brasil é a construção de Brasília realizando um velho sonho de interiorização do desenvolvimento, ao mesmo tempo em que também gerava uma capital mais defensiva do que a vulnerabilidade do nosso litoral. Mas Brasília será mais do que isso, transformada que foi em símbolo de um Brasil novo, desenvolvido, moderno. A criação de uma cidade inteira, avançada no arrojo estrutural-urbano com uma arquitetura moderna.

Durante o governo de Juscelino também ocorre uma grande transformação na cidade de Foz do Iguaçu que irá mudar completamente seu desenho urbano. De uma cidade fluvial, às margens do Rio Paraná para uma cidade terrestre, cuja entrada será distinta e mesmo distante do denominado Porto Oficial que vai desaparecer, entrando em cena um acesso rodoviário. Isso será fruto do pensamento de JK criando o Plano Rodoviário Nacional e, dentro dele, uma ligação entre Assunção e Paranaguá, onde o porto dessa cidade terá um local específico para o comércio do Paraguai.

A transposição do Rio Paraná, através da Ponte da Amizade, obra iniciada no governo de Juscelino, apresentava-se à época com um grande arrojo da engenharia civil

nacional, que vai cumprir um papel fundamental no sentido de ligar Foz do Iguaçu ao Paraguai, incrementando o comércio entre os dois países. Também, o asfaltamento da BR 277 vai possibilitar a ligação de Foz do Iguaçu com Curitiba e o restante do Brasil. Finalmente a cidade deixa o seu tradicional isolamento e integra-se, definitivamente, ao Estado brasileiro, permitindo novas relações que serão estabelecidas. Assim, de alguma forma, Foz do Iguaçu continua tendo ligações, agora mais estreitas com o Paraguai através de uma rodovia asfaltada, tanto quanto também com todo o Brasil.

É essa ligação com Curitiba e, por meio dela, com a região Sudeste que possibilitará a modernização da cidade, sem ter um processo de industrialização, mas focado em áreas estratégicas da economia internacional.

De outra forma o Paraguai adota uma Política Pendular entre o Brasil e a Argentina. Busca o Paraguai resguardar seus interesses, ampliar o nível de comércio, entrar na modernidade atraindo investimentos na área industrial e, para tanto, ora se aproxima do Brasil, ora da Argentina. Onde seus interesses do momento serão atendidos há uma aproximação, ou o não atendimento, implica o seu afastamento.

Visando ter domínio nessa região o governo brasileiro inicia os preparativos para a construção de uma grande hidrelétrica, acima de Sete Quedas, em território brasileiro. Será a maior unidade geradora de hidroeletricidade do mundo, marcando assim a posição do Brasil frente aos interesses do Paraguai e da Argentina.

Há uma ruptura constitucional no Brasil e a deposição do presidente João Goulart, sendo substituído pelos militares, indica agora uma nova forma de governo. Como os conservadores da UDN não haviam nunca conseguido, democraticamente, ascenderem ao poder, optam pela via autoritária e pensam ter chegado ao poder, no entanto serão surpreendidos pelos militares que de fato assumem o poder, instalando uma ditadura militar de 21 anos de existência.

Mas os militares, especialmente do Exército que na década de 20 eram tenentes são agora generais e finalmente conseguem chegar ao poder e, dentro de sua Política Salvacionista, pensa salvar o país do regime comunista, em que pese não haver qualquer prova concreta de que isso pudesse ser realmente uma ameaça. De qualquer forma, os militares têm também uma ideia de que pela via autoritária é possível construir uma modernidade no Brasil ampliando ainda mais o processo de industrialização.

Claro está que é uma modernidade extremamente conservadora, beneficiando assim grupos internacionais e da burguesia local que apoiando o golpe militar, buscam obter favores para os seus negócios. A inflação é controlada, há um violento arrocho salarial, todas as

liberdades são abolidas, perseguições ocorrem em todos os locais e mesmo em Foz do Iguaçu pessoas são assassinadas pelo Exército, outros tantos presos na unidade militar e submetidos à violência de interrogatórios, visando obter informações que possam desvendar os grupos que se organizam e atentam contra o poder instituído da ditadura militar.

A economia começa a crescer, a dívida externa é negociada e tudo indica que para os detentores de capitais a situação é bastante confortável e segura. Greves não existem e todo o movimento sindical, tanto quanto também político-partidário encontra-se extinto.

Mas com o passar do tempo as taxas inflacionárias voltam a subir e a classe média que, anteriormente havia apoiado o golpe militar começa a se preocupar com a situação.

Nesse sentido passa a se manifestar em público quer através de passeatas de estudantes universitários que pedem uma mudança da universidade, quer também através de artistas que produzem trabalhos criticando os militares ou mesmo grupos de mães que lutam contra a carestia.

A partir de 1968 com o Ato Institucional número 5, instala-se oficialmente a ditadura militar. Se no início da década de 60 vivíamos os anos dourados agora ao seu final tem início os anos de chumbo.

Tem início a chamada Luta Armada onde grupos dissidentes pegam em armas na tentativa de derrotar os militares. A reação é violenta, com o aumento das detenções, uma censura extremamente rígida, e o nefasto hábito de torturas indiscriminadas em unidades policiais e militares. É esse um dos períodos mais difíceis no Brasil.

De outra forma a economia cresce e o processo de industrialização é ampliado. São constituídas empresas estatais e vários projetos de interiorização de benefícios sociais o que no conjunto possibilita o grande crescimento econômico do período, conhecido como Milagre Econômico. Entretanto se ampliam ainda mais os níveis de desigualdade sociais já existentes, pois são poucos os beneficiários do crescimento da economia no período.

Nesse período, a região do Oeste do Paraná desenvolverá uma economia agrária do tipo exportador, através do binômio soja - trigo, implicando no desaparecimento da pequena propriedade rural e a ampliação e consolidação da grande propriedade. Essa modernidade na região provocou intenso êxodo rural. O Censo de 1970 já apontava a perda de mais de 1 milhão de pessoas no Paraná, apesar do aumento da produção.

Mas essa economia agrário-exportadora, utilizando amplamente insumos modernos e maquinário apropriado, permite também que grandes produtores possam ser qualificados como grandes compradores de equipamentos, em termos mundiais. Intensifica-se, da mesma forma, a produção do Sudeste do Brasil, de forma especial, em São Paulo, com o Oeste do

Paraná. De forma muito própria o setor industrial de São Paulo liga-se por necessidade de mercado ao Oeste do Paraná como fornecedor de máquinas, equipamentos e insumos para a notável e rápida expansão de todo esse setor agrário exportador.

Essa nova economia integrada aos eixos produtores nacionais finaliza todo o período de isolamento que era vivenciado pelo Oeste do Paraná e abre, definitivamente, uma região de grande prosperidade para o Brasil.

Devido a isso, temos então que essa integração passa a ser fundamental para o desenvolvimento da região, assentado sobre uma modernidade de efeitos bastante positivos em que pesem os seus aspectos sociais, profundamente negativos, com, inclusive, perda de população.

Mas o mundo entra também em violenta crise econômica por conta do aumento do preço do petróleo, uma vez que até 1968 pairava a sensação de que o petróleo era um recurso inesgotável na natureza.

Percebendo que isso não era verdadeiro e que, ao contrário do que se apregoava, havia a possibilidade concreta e real de seu esgotamento, os países exportadores de petróleo criaram a OPEP – Organização dos Países Exportadores do Petróleo – com sede em Viena, na Áustria. A primeira atitude tomada no início dos anos 70 foi aumentar o preço do petróleo negociado a US\$ 2,11 para US\$ 13,11. Esse brutal aumento realizado de forma imediata causará uma crise internacional de grandes proporções, de uma forma muito especial nos Estados Unidos, os maiores importadores internacionais (MOFFIT, 1985).

O procedimento para conter esse problema é a criação dos pedrodólares, títulos de compra de petróleo depositados em bancos americanos com rendimento de 4% a cada seis meses. Os juros normais, nos Estados Unidos, correspondem a 4% ao ano. O negócio era tão bom que foi imediatamente aceito, ocasionando um excedente de capitais imenso nos bancos americanos. Os europeus adotaram o sistema criando também depósitos em seus bancos em diversas moedas. De qualquer forma há excedentes de capitais disponíveis que demandam aplicação em atividades rentáveis em curto espaço de tempo.

A ascensão à presidência da República do general Ernesto Geisel, ex-presidente da Petrobrás, indica um caminho para, rapidamente, darmos uma saída para a crise de energia que se avizinha. Diante dessa realidade e pensando em transformar a economia brasileira, Ernesto Geisel dá início ao projeto Brasil Potência.

Havia toda uma preocupação com a região estratégica da Bacia do Prata e era fundamental ter o Paraguai dentro da área de interesse do Brasil eliminando a política pendular com a Argentina. Assim, ainda no governo Médici é celebrado o Tratado de

Amizade Eterna, em 1970, exatamente no centenário do final da Guerra do Paraguai. Por ele as fronteiras do Brasil e Paraguai são fixadas no talvegue<sup>3</sup> do Rio Paraná. Isso quer dizer que as terras que, porventura, o Brasil anexou no final da Guerra do Paraguai são agora declaradas, oficialmente, como sendo parte integrante do território brasileiro. Essas terras estão habitadas, há cidades, empreendimentos de sorte que a discussão ou mesmo a possibilidade de qualquer devolução implicaria em processos de indenização sumamente elevados e bastante difíceis de serem realizados.

Feito isso no governo Geisel, em 1974 é assinado o Tratado de Itaipu com o Paraguai, comprometendo-se o Brasil e o Paraguai a construírem a maior usina hidrelétrica na fronteira dos dois países, recentemente confirmada com o Tratado de Amizade Eterna.

Anteriormente já havia a percepção da construção de uma grande hidrelétrica na região, inteiramente em território brasileiro, acima de Sete Quedas cujo projeto foi realizado pelo escritório do engenheiro Figueiredo Ferraz em São Paulo. Referido projeto data de 1963 e foi completamente abandonado, pois que não se enquadrava nas novas perspectivas que estavam sendo agora traçadas (COTRIM, 1999).

Esse se mostrava como um grande empreendimento que vai marcar o momento da ditadura militar como símbolo de uma nova modernidade, tanto quanto foi Brasília na primeira modernidade de cunho democrático. E tal como em Brasília, as grandes empresas de construção civil e as empreiteiras, estarão presentes nessa nova obra de engenharia.

Vultuosos capitais serão necessários através de empréstimos internacionais pois que, nesse momento, há imensas disponibilidades internacionais por conta dos depósitos existentes em bancos norte-americanos e europeus. Terão taxas de juros elevadas, a cada seis meses e uma carência, relativamente grande o que, à primeira vista, parece ser muito interessante, tanto que será amplamente utilizado pelo governo, possibilitando a construção de grandes obras, a maior delas, a Itaipu Binacional.

Para a construção da hidrelétrica é constituída uma empresa binacional, fruto de todo um trabalho de direito internacional realizado por especialistas brasileiros. Era algo inédito no mundo a criação de uma empresa com esse perfil, mas necessária em vista de que a hidrelétrica teria esse caráter de binacionalidade.

Em 1974 quando da assinatura do Tratado da Itaipu Binacional, Foz do Iguaçu, segundo o IBGE tinha uma população em torno de 34.000 habitantes e já no ano seguinte apresenta um acréscimo de cerca de 100.000 pessoas. A triplicação da população em apenas

---

<sup>3</sup> Talvegue é a parte mais profunda de um rio.

um ano causou um caos social, pois não havia infra-estrutura para acomodar essas pessoas (Dados da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2012).

Hotéis da cidade são ocupados totalmente, casas são construídas rapidamente, escolas, unidade hospitalar, escritórios de empresas, enfim em tudo isso se notava a velocidade como sendo essencial. Todas as moradias de Foz do Iguaçu são ocupadas elevando, dessa forma, os valores dos aluguéis a níveis desconhecidos até então. A cidade literalmente é tomada por forasteiros, gente de fora que imediatamente assumem funções de trabalho na construção civil da hidrelétrica.

Na rodoviária de São Paulo ouve-se o serviço de alto falante recrutando trabalhadores para emprego imediato na hidrelétrica, da mesma forma que nas proximidades da rodoviária de Foz do Iguaçu chegam ônibus de todas as partes do Brasil, lotados de trabalhadores que, no mesmo dia, são levados para o canteiro de obras e já se encontram trabalhando.

Foz do Iguaçu tinha sido declarada como área de segurança nacional e, portanto, o seu prefeito era indicado. A Itaipu logo indica um coronel do Exército, engenheiro de topografia, para ser o prefeito da cidade por dez anos, ou seja, para atender às necessidades da cidade e da hidrelétrica no prazo de sua construção e entrada em funcionamento.

O plano urbano da cidade é alterado, ruas são asfaltadas, vias de acesso ligando a cidade à hidrelétrica são construídas, tanto quanto também vias marginais. Tudo isso é feito através de empréstimos que terão o aval da hidrelétrica, mas cujo pagamento será feito pelos habitantes da cidade, por vários anos.

São também construídas vilas residenciais para os trabalhadores da hidrelétrica, separadas conforme as funções existentes, tanto quanto também clubes, escolas, igrejas enfim todos os empreendimentos urbanos necessários para a melhor convivência possível.

É também verdade que os horários de trabalho são expandidos, ultrapassando, muitas vezes os expedientes normais, pois que a construção civil tinha um cronograma extremamente rígido e nada poderia permitir qualquer forma de atraso. Isso significava trabalhadores exaustos com pouca ou nenhuma convivência familiar já que estavam vivendo a obra em sua grande intensidade. Assim, acidentes de trabalho eram comuns, com gravidade elevada, mas havia pouca ou nenhuma divulgação até mesmo porque a censura, naquele momento era intensa. A própria Itaipu divulgava filmes de propaganda destacando as grandezas do empreendimento e informando que o número de acidentes era próximo a zero o que contrastava fortemente com tudo o que se conhecia na realidade do cotidiano da obra.

A construção da hidrelétrica de Itaipu trará para a cidade técnicos de alta competência, engenheiros e administradores que de alguma forma passam também a ter poder, fora do canteiro de obras. Assim começa a existir um choque entre os detentores tradicionais do poder na cidade e essa nova realidade que vai se apresentando, sendo que, em alguns momentos, por questões, sem qualquer importância, a situação conflituosa torna-se extremamente grave. Por conta disso começa a existir uma separação entre a obra e a cidade, marcando espaços territoriais bem distintos. O poder da cidade não tem nenhuma interferência no canteiro de obras e nas vilas residenciais, tanto quanto também os moradores da cidade não aceitam qualquer interferência em seu cotidiano.

Para marcar esses espaços tanto no canteiro de obras quanto também nas vilas residenciais há uma segurança ostensiva, 24 horas por dia. Ninguém entra nas vilas residenciais sem prévia identificação. O mesmo ocorrendo no canteiro de obras.

Mas dentro do canteiro e das vilas residenciais há também separações conforme a posição funcional que se tem dentro da empresa construtora. Assim, por exemplo, engenheiros têm uma vila só para eles, tanto quanto técnicos, operários e operários solteiros. Essa divisão é bastante rígida não possibilitando qualquer tipo de violação, entendida esta como sendo uma falta bastante grave.

Todos os demais espaços também são marcados por essa divisão quer seja a escola ou mesmo os clubes. Na escola temos uma unidade que atende os filhos de engenheiros e dos técnicos e outra para os filhos dos operários. Essas unidades pertencem a mesma instituição educacional, mas as unidades são territorialmente separadas.

Os pequenos proprietários de terras onde será formado o Lago de Itaipu são, arbitrariamente desapropriados e devem deixar os seus imóveis rurais quando da aproximação do enchimento do Lago de Itaipu.

É criado o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (MASTRO) que luta por uma reforma agrária. Esse movimento está ligado à Pastoral da Terra, órgão oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (MAZZAROLLO, 2003). Assim, a Igreja Católica, através de seu bispo em Foz do Iguaçu, Dom Olívio Aurélio Faza e do pastor da Igreja Luterana, Werner Fuchs passam a organizar as reclamações dos agricultores da região do alagamento da Itaipu.

Como o diálogo com a Itaipu é praticamente impossível passa a ser criada uma situação de impasse na medida em que os agricultores que devem abandonar os seus imóveis estão exigindo a indenização de suas benfeitorias com preços de mercado. Não sendo atendidos, organizados eles se aproximam, simultaneamente, dos escritórios da Itaipu

Binacional em Santa Helena e Foz do Iguaçu. Serão “repcionados” por forte contingentes policiais armados, permanecendo acampados nas proximidades dos escritórios por cerca de 90 dias. As tentativas de diálogo com a Itaipu são difíceis, mas a persistência dos trabalhadores é maior forçando e conseguindo finalmente que sejam atendidos em suas reivindicações.

Esse movimento é realizado principalmente por pequenos produtores e proprietários rurais, em plena ditadura militar, rompendo assim várias barreiras, mas sofrendo também com a pouca ou nenhuma divulgação de sua luta, graças à censura existente.

Evidente que toda essa movimentação trouxe um forte impacto na cidade e, mais do que isso, permitiu que os agricultores pudessem se organizar no que será, posteriormente, conhecido como sendo o Movimento dos Sem Terra (MST) que passa a mobilizar trabalhadores rurais reivindicando a realização de uma reforma agrária.

Com o término das obras e a inauguração e entrada em funcionamento completo da hidrelétrica de Itaipu, e não tendo mais nenhuma obra de engenharia civil de grande porte, os trabalhadores acabam em parte significativa ficando na cidade de Foz do Iguaçu comercializando produtos de diversa natureza através do Paraguai. A proximidade com o eixo Rio de Janeiro e São Paulo facilita enormemente esse comércio cuja tendência é a rápida expansão, sem qualquer tipo de controle ou fiscalização.

Criado o Mercado do Sul (Mercosul) através do Tratado de Assunção assinado em março de 1980 envolvendo o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai fica estabelecido a constituição de uma zona de livre comércio de produtos oriundos dos países membros sem qualquer tipo de tributação entre eles.

Passados cinco anos esse comércio entra em vigor, ampliando de forma muito significativa a economia dos países membros agora já dentro da perspectiva do processo de globalização que está sendo constituído, onde o importante não é tanto produzir como comercializar.

Para a efetivação do Mercosul é necessário que o comércio existente entre o Paraguai e o Brasil possa ser reduzido e, principalmente controlado. Decorrente disso passamos a ter uma fiscalização que tende a ser, cada vez mais forte, visível e intensa. O que era, até então entendido como comércio, começa a ser visto como contrabando e descaminho, exigindo que a lei seja colocada em efetividade para coibir essa prática delituosa de comércio.

Isso vai provocar também uma maior intensidade de comércio entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu, na Argentina, principalmente no comércio de produtos argentinos e na sua gastronomia. De uma cidade antiga, Puerto Iguazu começa a ser dinamizada vivendo melhores tempos graças à procura de consumidores brasileiros.

Por tudo isso Foz do Iguaçu é uma cidade única no sentido de que em um espaço relativamente curto saltou de uma população de 34.000 habitantes (1973) para os atuais mais de 250.000 indicando o seu nível de desenvolvimento de atividades produtivas (Dados da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2012).

O importante é entender que de uma cidade de grande isolamento até a inauguração da Ponte da Amizade na década de 60, passa a integrar com grande intensidade o projeto de globalização. Hoje Foz do Iguaçu é uma cidade global de grande importância, estando também classificada como sendo a quinta cidade paranaense.

De uma cidade pluvial para uma terrestre; de uma cidade isolada para uma abertura global; de uma cidade pobre na sua economia para uma cidade de economia muito próspera; de uma cidade parada no tempo e no espaço para uma cidade integrada.

### **1.3 E chegamos à década de oitenta do século passado**

Esse momento é muito importante para Foz do Iguaçu. Marca a entrada em funcionamento da Itaipu Binacional que, pronta, passa a fornecer energia para o Paraguai e, principalmente para o Brasil. É possível manter o nível de crescimento da nossa economia industrial, uma vez que existe abundância de fornecimento de energia.

Ao mesmo tempo em que isso está ocorrendo, há uma grande redução de importação de petróleo, substituído que é pela energia hidroelétrica fornecida por Itaipu.

Termina assim o ciclo de construção da parte civil da barragem de Itaipu, tanto quanto também da instalação das máquinas e equipamentos necessários para a operação da hidroelétrica.

No entanto o Brasil vive a partir de 1985 a instalação do primeiro governo democraticamente eleito, por voto indireto, colocando fim ao período da ditadura militar. Essa democratização com a instalação da chamada Nova República pretende conduzir o país a melhores dias de progresso.

Mas esse período, devido à crise internacional do endividamento dos países latino americanos se agrava, pois o Fundo Monetário Internacional, que já monitorava a nossa economia garantindo o pagamento das parcelas das dívidas internas e externas vai adotando medidas cada vez mais drásticas de controle, inviabilizando vários projetos que estavam em perspectiva, como por exemplo, a instalação de mais algumas hidroelétricas. A imprensa passa

a denominar os anos 80 como sendo a “década perdida” de vez que vamos assistir a um crescimento negativo, convivendo agora com altas taxas de inflação. Isso inviabiliza qualquer projeto de maior envergadura que possamos realizar.

É também por conta disso que o comércio entre o Brasil e o Paraguai aqui, em Foz do Iguaçu é completamente desregulamentado, abolindo-se as formas de controle de fronteiras. Temos assim o surgimento de um intenso comércio com Ciudad Del Este, porto livre do Paraguai, onde as mercadorias procedentes do mundo todo são vendidas sem qualquer tipo de imposto ou taxa de alfândega.

Isso vai gerar uma corrida para Foz do Iguaçu surgindo um comércio bastante intenso, realizado de forma regular, onde produtos do mundo inteiro passam a entrar no Brasil sem qualquer tipo de tributação. De alguma maneira os órgãos governamentais fecham os olhos talvez entendendo que essa seria uma válvula de escape para a grande crise que se vive em todo o Brasil.

De qualquer forma pessoas de todas as regiões do Brasil chegam à Foz do Iguaçu que funciona como uma área de passagem para o acesso ao Paraguai, realizando as compras em grandes quantidades, objetivando manter um comércio nos seus locais de origem.

Enquanto tudo isso está acontecendo assistimos ao que se convencionou chamar de uma revolução tecnológica onde a introdução de sistemas computadorizados e informatizados na produção proporcionou uma produção que tende ao infinito, em tempos reduzidíssimos, em qualquer parte do planeta.

Para fazer frente a essa realidade evitando uma crise violenta, utilizando a informática acoplada aos meios de comunicação social de massa, notadamente à televisão e aos satélites temos o que os norte-americanos denominaram de processo de globalização.

O registro histórico das revoluções tecnológicas, conforme foi compilado por Melvin Kranzberg e Carroll Pursell, mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida. Em outras palavras, são voltadas para o processo, além de induzir novos produtos. Por outro lado, diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação. A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as Revoluções Industriais sucessivas, do motor à vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial. Porém, essa afirmação sobre o papel preeminente da tecnologia da informação muitas vezes é confundida com a caracterização da revolução atual como sendo essencialmente dependente de novos conhecimentos e informação. Isto é verdade no caso do

atual processo de transformação tecnológica, mas foi assim também com as revoluções tecnológicas anteriores, conforme mostraram os principais historiadores de tecnologia, como Melvin Kranzberg e Joel Mokyr. (CASTELLS, 2000, p. 50)

Esse processo de globalização tem a ver também com a constituição, não mais de um mercado nacional, senão do mercado global, decorrendo desse fato o fim das fronteiras ou sua substituição, da mesma forma que os espaços territoriais passam a ter outras especificidades. De forma semelhante a soberania das nações passará a ser entendida de forma distinta do que até então existia. Na verdade começa a surgir um grande choque entre o processo de globalização em marcha e a permanência do Estado Nação que tem imensas dificuldades para um processo de adaptação.

De qualquer forma o que nos interessa aqui é perceber, conforme afirma apontado Castells (2000), que essa nova revolução tecnológica está assentada fortemente sobre os sistemas de informação.

“Há, além disso, aparelhos mais sofisticados, conhecidos por um número crescente de pessoas que se servem da nova técnica, como, por exemplo, as numerosas aplicações dos computadores na indústria, na pesquisa científica, nas comunicações e nos transportes, na informação e no campo dos serviços. Temos ainda as conquistas notáveis e espetaculares da ciência e da técnica como os vôos espaciais e as fábricas inteiramente automatizadas, nas quais os homens são substituídos pelos robôs.” (SCHAFF, 1993, p. 22)

Tudo isso mostra que a produção mundial sofre um grande impacto e reage rapidamente com novas realidades que passam a existir. Por isso mesmo deixou de ser um sinal de progresso, desenvolvimento, o ter ou não áreas ou economias industriais. Isso hoje perdeu completamente a relevância que possuía em passado recente. Qualquer região do planeta pode ser industrializada, desde que tenha equipamentos informatizados para realizar a produção de bens industriais desejados. Não há nisso mais nenhum mistério.

Além disso, o tempo de produção é extremamente reduzido e as quantidades são enormes gerando, claro, problemas de comercialização. É por isso que a economia terá um grande desenvolvimento no setor de prestação de serviços, de uma forma muito especial na comercialização de bens, tecnologias enfim em tudo que não é materializado.

“Dessa situação derivaram desafios cada vez mais agudos que, extrapolando as fronteiras nacionais, provocaram um verdadeiro confronto global. o próprio aspecto das cidades ficou profundamente marcado por este processo:

não só elas cresceram em termos quantitativos, como também sofreram uma profunda transformação qualitativa. Assim como na fase industrial ressentiram-se da instalação de fábricas, agora ressentem-se do fato de constituírem a sede privilegiada da produção e do consumos intelectuais. De cidade metropolitana e transnacional, de intercâmbio e interação entre recursos cada vez mais abstratos, a cidade continua, entretanto, a sede de rituais antigos e novos, com os quais as massas satisfazem suas necessidades de vida coletiva, e torna-se o espaço de novos nômades, fluida e interdisciplinar, “densa, poderosa e dinâmica” (DE MASI, 2000, p. 95)

De outra forma surgem, rapidamente, novas formas de organizar a economia dentro dos critérios propostos pela globalização. Assim, na Europa é constituída a União Europeia, através do Tratado de Maastricht de 1993. Por esse Tratado fica estabelecido que, entre os países membros não existem qualquer taxa de alfândega sendo livre a circulação de bens e serviços entre os países membros. Certamente foi imediatamente colocado em execução, entendendo que o sistema produtivo já havia sido transformado e a questão era agilizar ao máximo a comercialização de bens e ampliar os setores de prestação de serviços. Isso significava que, na prática o mercado nacional, até então existente e muito eficiente começava a dar lugar ao mercado global que estava engatinhando para poder, posteriormente, se firmar como a única força viva substituindo completamente os mercados nacionais.

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) é constituído pelo Tratado de Assunção de março de 1991, envolvendo, inicialmente, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai mas somente a partir de 1 de janeiro de 1995 é que ele se efetivou como sendo uma união aduaneira. O seu modelo é a União Europeia, e assim, de 1995 até o presente momento as mercadorias e serviços procedentes dos países membros têm livre trânsito entre eles, sem qualquer taxa de alfândega.

Por conta desse fato vários setores de exportação, localizados em Foz do Iguaçu desaparecerão completamente, pois agora é muito mais fácil comprar diretamente nas fábricas, nos países membros e transportar as mercadorias para os locais de destino, sem qualquer tipo de taxas de alfândega.

Isso refletirá em Foz do Iguaçu onde o setor exportador estabelecido em um bairro próximo à Ponte da Amizade rapidamente será completamente desmobilizado, não havendo qualquer alternativa de substituição de atividade econômica para o que já estava acontecendo.

Para que essa realidade se efetive o governo brasileiro começa a agir contra o comércio realizado entre o Brasil e o Paraguai, em Foz do Iguaçu. Agora todo esse comércio passa a ser entendido como contrabando e descaminho e, por isso mesmo a repressão tende a ser mais intensa.

O mais moderno e equipado prédio da Polícia Federal é construído em Foz do Iguaçu com ajuda direta do governo dos Estados Unidos, visando o combate ao tráfico internacional de drogas e, posteriormente a 2001 ao combate a possíveis grupos ou instituições consideradas pelo governo norte americano como sendo terroristas.

Evidente que o governo dos Estados Unidos também pressiona diretamente o governo do Paraguai para colocar termos ao contrabando, especialmente destinado ao Brasil. Nessa época é célebre a conferência do então embaixador dos Estados Unidos realizada em Ciudad Del Este para os empresários da cidade, advertindo, claramente para ações que estavam ocorrendo e que precisavam urgentemente ser extintas.

Ante esse quadro Foz do Iguaçu passa a ter uma importância muito grande em função da repressão realizada tanto pela Receita Federal quanto também pela Polícia Federal, em vista do funcionamento do Mercosul, essencial para colocar os países latino americanos do Cone Sul dentro da órbita de interesses do processo de globalização em marcha.

De outra forma o governo dos Estados Unidos tenta constituir a Aliança de Livre Comércio das Américas (ALCA) envolvendo todos os países americanos, exceto Cuba em uma grande área comercial tendo como exemplo o Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA) constituído em 1 de janeiro de 1994 envolvendo o Canadá, Estados Unidos e o México.

O Brasil faz forte oposição a ALCA só aceitando participar em bloco, isto é, como Mercosul e não na forma pretendida pelos Estados Unidos como países independentes. Decorrente desse fato a América terá apenas o NAFTA e o MERCOSUL como formas de economias regionalizadas que se inserem dentro do contexto da globalização.

O Mercosul será positivo para o Brasil possibilitando incrementar, ainda mais, seus setores produtivos, ao mesmo tempo em que os demais países também terão sucesso no aumento de suas trocas de bens e de serviços. Isso fará de Foz do Iguaçu uma área de passagem de transporte de mercadorias tanto procedentes da Argentina quanto do Paraguai para os mercados consumidores brasileiros. Para Foz do Iguaçu não haverá qualquer tipo de benefício, salvo excesso de carga em sua malha viária com todas as suas consequências, da mesma forma que o trânsito na cidade ficará mais intenso, causando também alguns problemas de trânsito. Na verdade Foz do Iguaçu vai se constituir no centro do Mercosul, mesmo sabendo que a sede dessa instituição está localizada em Montevideo, no Uruguai. Mas, na prática, estamos no centro estratégico desse imenso mercado.

Prova disso é que estamos conectados com duas pontes internacionais, ligando o Brasil com a Argentina sobre o rio Iguaçu entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazu, em território

argentino, com a Ponte Tancredo Neves e a Ponte da Amizade ligando Foz do Iguaçu à Ciudad Del Este no Paraguai.

Assim estamos conectados por via terrestre com Assunção, capital do Paraguai, Córdoba importante centro industrial na Argentina, Buenos Aires um grande centro e capital da Argentina, Montevideo capital do Uruguai e importante centro financeiro, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Além disso, esse grande mercado produtor de variados tipos de mercadorias e serviços cresce rapidamente em função da constituição e pleno funcionamento do próprio Mercosul, que impulsiona novas atividades em toda essa região, facilitando as trocas de produtos e serviços.

Esse mercado é constituído também por um número elevado de consumidores, com renda suficiente para incrementar o comércio de bens e de serviços. Na medida em que os setores produtivos ampliam a oferta de bens esses terão vendas garantidas e rápidas.

Importante também perceber que toda essa região mencionada, através do Mercosul está conectada com os grandes mercados regionalizados da União Europeia, NAFTA e outros que vão surgindo, possibilitando trocas cada vez em níveis mais elevados, incrementando o desenvolvimento econômico já existente na região.

Essa é uma das novas perspectivas que vão se abrindo para a cidade de Foz do Iguaçu, geograficamente próxima do centro da América do Sul e funcionando como porta de entrada e saída de produtos e serviços do Mercosul. Portanto, a cidade passa a ter um novo perfil estratégico localizado na economia comercial e de prestação de serviços com porte agora globalizado.

Evidente que tudo isso acabará provocando uma grande transformação no mundo. Na medida em que a União Soviética não consegue mais resolver a sua crise de produção, ficando estagnada no tempo, ela acaba sendo ultrapassada pelas transformações que estão ocorrendo no Ocidente no que se convencionou denominar de Revolução Tecnológica.

Com o fim da URSS chega também ao seu ocaso o chamado socialismo real que dava por encerrada a tentativa de ser a alternativa ao sistema capitalista.

Na verdade de tudo isso o capitalismo sai mesmo muito reforçado e novas teorias econômicas vão buscar um aprofundamento de sua forma de organizar os sistemas produtivos. Voltamos com a lógica liberal no agora denominado neoliberalismo que terá em Friedrich Hayek o seu mais famoso e brilhante argumentador.

A escola de economia da Universidade de Chicago adotará o pensamento de Hayek e divulgá-lo mundo afora afirmando em síntese que “tudo é mercado” e que este caminha

livremente conforme o pensamento original de Adam Smith. Assim, a discussão passou a ser como a produção de bens deve caminhar por si mesma, sem qualquer tipo de intervenção do Estado.

Essa neoliberalização da economia influenciará o mundo, como um todo, sendo o substrato do pensamento do processo de globalização. Assim, em alguns países onde o Estado era possuidor de entes produtivos, haverá intensa e rápida privatização para que os setores produtivos fiquem todos nas mãos dos produtores e não mais do Estado.

As políticas neoliberais serão igualmente acatadas pelos agentes internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC) da qual todos os países passam a depender de forma quase que exclusiva. Serão esses agentes multilaterais os principais responsáveis para que o neoliberalismo deixe de ser uma teoria econômica, passando a se constituir em uma prática econômica, norteadora do presente e do futuro.

Tudo isso significará grandes mudanças na sociedade, o que se convencionou denominar como sendo uma crise dos paradigmas. Isso no cotidiano da vida das pessoas tem um significado muito prático o que até outro dia era tido como correto, certo passa agora a ser, no mínimo, duvidoso, questionável quando não errado e, por isso mesmo abandonado.

Começa a eclodir em todo o mundo uma série enorme de indagações no sentido de podermos compreender melhor o que está ocorrendo e quem somos nós em tudo isso. Tudo, anteriormente, parecia estar estabelecido sendo, por isso mesmo, relativamente fácil saber o que era o bem, distinguindo-o do que era o mal. Isso era mesmo visível em algumas formas de comportamento, na maneira mesma de se portar, agir na sociedade. Hoje tudo isso não significa quase nada, pois estamos em busca de outras formas de convivência e novos paradigmas que possam balizar as nossas vidas.

Passamos a entender a sociedade como sendo muito mais complexa do que poderíamos imaginar. Ela não é somente aquilo que é visível, senão que há aspectos muito relevantes e, não visíveis, que são fundamentais para entendermos o seu funcionamento. Durante longo período de tempo fomos de alguma forma, levados a entender o funcionamento da sociedade como sendo algo mecânico, simples, fácil de ser vivenciado.

Temos atualmente a exata noção da complexidade da sociedade e de quanto necessitamos nos debruçar para entender o seu funcionamento podendo assim designar, se é que isso será possível e viável, novos modelos de sociedade.

Neste sentido, é fundamental que possamos viver o presente com algumas expectativas, perspectivas de futuro, dado o fato de que estamos vivendo em um momento de rápidas e profundas transformações.

A cidade de Foz do Iguaçu viverá e vive tudo isso de forma bastante intensa de vez que no centro da América do Sul estrategicamente situada na porta de entrada do Mercosul, aqui tudo ocorre de maneira bastante original e, em alguns casos antecedendo o que virá para o resto do Brasil e do mundo.

## 2 OS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU

Durkheim afirmava que a escola tem uma finalidade social no sentido de ser ela no mundo industrial, capaz de realizar o processo de socialização. Aquilo que, anteriormente, era realizado pela família passa agora a ser feito pela escola. Assim, caberia à escola formar o consenso social, criando as normas e os costumes, enfim a moral, em que pesem as diferenças das famílias dos alunos e, mais do que isso, as diferenças sociais oriundas do processo de divisão social do trabalho.

Segundo Rodrigues (2000), temos agora uma solidariedade orgânica, na medida em que a escola socializa as pessoas de acordo com a sua posição na sociedade. Assim, cabe a escola, ao realizar o processo de socialização, definir a posição social de seus ocupantes na sociedade. Isso, claro, é realizado no presente, dentro da escola, e mais ainda, no futuro, na própria sociedade.

Nesse sentido a escola adquire uma divisão, uma organização que deriva do mundo do trabalho, aplicando princípios de racionalização propostos por Taylor, buscando também a sua máxima eficiência. Assim, a escola passa a contar com uma grande burocracia pois esta tem por objetivo atingir a máxima eficiência possível, no sentido de que no espaço de tempo previsto e permitido, os alunos possam alcançar o conhecimento a que estão destinados.

Desde os finais do século XIX e primórdios do século XX Foz do Iguaçu viveu de uma economia bastante rudimentar e geradora de pequena riqueza. Tudo isso é devido também ao seu isolamento em relação ao Brasil e, menos intenso, com as repúblicas vizinhas do Paraguai e da Argentina.

Era a navegabilidade do Rio Paraná que possibilitava, para os habitantes de Foz do Iguaçu, algum contato com outras sociedades permitindo assim um pequeno comércio com trocas comerciais, viabilizando assim a existência de um pequeno núcleo populacional.

Podemos entender que existiam algumas preocupações no sentido de realizar um nível maior de produção econômica capaz de atrair maiores contingentes populacionais, da mesma forma que também permitisse a integração da região.

A expansão da fronteira agrícola, procedente de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, dando início a um processo de colonização vai trazer uma nova realidade para a região. Originalmente pequenos proprietários de uma economia familiar, os colonos chegam atraídos

pela ideia de terem as suas propriedades, já que o valor das terras era bem mais atraente do que nas suas áreas de origem. Grandes companhias colonizadoras serão responsáveis por toda essa migração, comercializando as terras, ao mesmo tempo em que também vão sendo constituídos os lotes urbanizados, originando assim o plano urbano básico da cidade.

Esse processo assentado na família tem na mesma a sua função educativa. Ela que forma os conceitos morais, normas de comportamento social, enfim realiza o que podemos denominar como sendo o processo de socialização. Não existindo finalidades fora do âmbito familiar, não havia, portanto, necessidades complementares de educação que poderiam ser realizadas fora do meio familiar. Durkheim refletindo sobre a educação, conforme exposto acima e denominará de solidariedade mecânica: o consenso fundamental para a existência da sociedade é fornecido pela família.

Todavia, temos também a ideia, não confirmada, da existência de uma unidade educacional na Colônia Militar do Iguaçu.

Em Foz do Iguaçu, núcleo pioneiro da ocupação nacional regional, desde os tempos da Colônia Militar, existiu, por parte dos militares e funcionários do fisco, a preocupação com a escolarização de seus filhos. Esse segmento social resolveu o problema da instrução a partir de seu próprio grupo social. Essa instrução era qualitativamente muito restrita, e só para filhos de funcionários de postos mais importantes, na modalidade de escolarização particular domiciliar. Como essas crianças eram filhas de funcionários do governo cujo papel era exercido a partir de uma escolarização mínima, viam na instrução a possibilidade de criar as condições de seus filhos galgarem, no futuro, algum posto na administração pública. O interesse dessas famílias em contratar os serviços de alfabetização de seus filhos revela o desejo de reprodução de suas condições sociais e um nível de classe na perspectiva da ideologia liberal, isto é, na luta pela conquista de espaço social, venceria quem tivesse melhores condições, a partir da escolarização, mesmo que realizada a nível doméstico e informal. (MYSKIW, 2011, p. 80)

No período de 1889, ano da criação da Colônia Militar, até 1912, ano de sua extinção, não existiu escola ou casa escolar em Foz do Iguaçu. As crianças de famílias brasileiras com recursos financeiros, mas que não pertenciam ao grupo de funcionários do governo buscava a escolarização fora de Foz do Iguaçu, em centros urbanos e até nos países vizinhos.

A partir de 1914, a história de Foz do Iguaçu passa por consideráveis transformações. A primeira foi, apesar das precariedades, a criação do município. A segunda, a decisão do governo em combater o contrabando na fronteira, aumentando consideravelmente o número de agentes do fisco. Tanto um fato como o outro, criou novas oportunidades de trabalho para

setores sociais escolarizados e que exigiam escolarização para seus filhos. Com a implantação do município foi ampliada a organização política, criando novas condições de reivindicação do serviço público. A soma desses fatores tornou inviável o atendimento na modalidade de instrução particular domiciliar, exigindo uma resposta da administração municipal.

Cruzando diferentes informações, é possível concluir que entre os anos de 1915 e 1916 passou a existir uma casa escolar em Foz do Iguaçu, construída e mantida pelo município. Como ocorria nas demais regiões do Estado, a instrução produzida na casa escolar era extremamente precária. Talvez em razão da precariedade dessa instrução tenha continuado em Foz do Iguaçu a instrução particular domiciliar até a instalação do grupo escolar em 1928.

Contudo, o desenvolvimento educacional de Foz do Iguaçu está relacionado com a articulação de outros fatores de importância nas representações sociais daquele núcleo populacional. Até 1918, a população católica de Foz do Iguaçu recebia, uma vez por ano, assistência religiosa de sacerdotes de Posadas, capital da província argentina de Misiones. Apenas muito esporadicamente passava algum padre da paróquia de Guarapuava, à qual pertencia Foz do Iguaçu. Como Foz do Iguaçu já tinha sido elevada à condição de sede de município, a questão da assistência religiosa também fazia parte das preocupações da população local e da Igreja. Em razão da distância, da precariedade dos transportes e das estradas, as autoridades eclesiásticas julgavam conveniente criar a paróquia de Foz do Iguaçu. Diante das dificuldades econômicas para a instalação da paróquia, o bispo de Curitiba pediu auxílio ao governo do Estado. Este se comprometeu em repassar subvenções, e até salários para os padres, mas, em contrapartida, a paróquia deveria construir e dirigir um grupo escolar em Foz do Iguaçu.

Em 1923, foi instalada a paróquia e nomeado o primeiro vigário, um sacerdote alemão da congregação do Verbo Divino, Padre Guilherme Maria Tilecks. Para cumprimento do acordo com o Estado, mesmo antes da construção do grupo escolar, o Padre Guilherme assumiu a direção da casa escolar, onde passou a lecionar. Para o desempenho de suas atividades, o Padre Guilherme recebeu a ajuda de dois padres e um irmão de sua congregação (Padres João Progzeba, Paulo Schneider e Irmão Bianchi).

Em 1928, entrou em funcionamento o grupo escolar, em prédio novo, sob a direção do Monsenhor Guilherme, com a denominação Grupo Escolar Bartolomeu Mitre. O grupo escolar passou a ter como professores dois padres (João Worth e José Winks) e duas professoras escolhidas pelos padres entre a população de Foz do Iguaçu (Aretuza Reis da Silva e Francisca Correia Schimmelpfeng). Em 1930, o grupo escolar passou a administração estadual, sob a direção de professores nomeados e pagos pelo Estado.

No entendimento de Emer (1991, p. 218-222), a história da instalação do grupo escolar de Foz do Iguaçu e a forma como foi encaminhada a questão induzem a algumas reflexões. Fica claro que entre a população existia um descontentamento com o nível técnico da educação produzida pela casa escolar. Existia a reivindicação de uma escola de melhor qualidade e o governador tinha essas informações. Se o Estado tivesse proposto parceria com o município, que seria a via normal, e não com a paróquia, o problema da qualificação dos professores e o nível técnico da educação continuariam os mesmos. A questão da qualificação dos professores, possivelmente, determinou esta parceria. Outro indicador dessa hipótese é que tão logo Foz do Iguaçu passou a contar com normalistas formadas, em 1929 e 1930 não mais se justificou o trabalho dos padres deslocados de suas funções básicas.

No começo do século XX já temos uma necessidade maior de escolarização para os filhos dos colonos, tendo em vista a possibilidade de melhorias de condição social. Já para os trabalhadores a escolarização não representa uma necessidade, de vez que eles não tendo acesso à terra, não realizarão qualquer mobilidade social.

Com a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder temos a concretização de uma ideia de integração do Brasil, sendo necessário para tanto a criação de uma mentalidade nacionalista. Getúlio vai se cercar de intelectuais que irão trabalhar essa questão e teremos vários instrumentos para a concretização de algumas ideias de nacionalidade (FAUSTO, 1997).

Dentre elas merece destaque o setor educacional. Foz do Iguaçu já contava, desde 1928 com o funcionamento do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre que será utilizado no sentido de criar junto aos alunos, uma nova mentalidade nacional. O pertencer ao Brasil, a questão de uma política de identidade nacional é, à época, de fundamental importância. É também através da educação pública que serão tratados os símbolos nacionais, a questão do aperfeiçoamento da língua nacional, a apresentação dos personagens históricos e seus feitos, tanto quanto também as riquezas e dimensões, enfim a grandiosidade de tudo aquilo que se coloca como sendo o Brasil.

Neste sentido a escola em Foz do Iguaçu cumpre um papel bastante relevante, mas ainda, dadas as enormes dificuldades de transportes, o isolamento permanece, mesmo que já um pouco mais atenuado.

Mas essa é tão somente uma escola básica onde os alunos aprendem a ler e escrever, realizando também alguns cálculos matemáticos e, em alguns momentos e casos isolados, são ensinados também noções básicas de ciências.

Esse ensino fundamental atende as necessidades daquele momento histórico, sem maiores aprofundamentos. Para a realização de uma economia de subsistência, geradora de pequenos excedentes comercializáveis, era o bastante e suficiente os conhecimentos básicos de linguagem e cálculos elementares.

Mas já são sentidos os problemas de professores especializados e capacitados. A inexistência desses profissionais será um grave problema, pois está evidente que ninguém preparado nos grandes centros urbanos iria para Foz do Iguaçu, com grande isolamento, para exercer a sua profissão de professor sem qualquer expectativa de avanço na sua carreira.

A instalação de espaços governamentais, como por exemplo, a própria Prefeitura Municipal, tanto quanto também órgãos estaduais e federais vão ampliando a necessidade de funcionários mais especializados. De outra forma o desenvolvimento do comércio, implicando também em maior adensamento urbano passa também a exigir trabalhadores mais qualificados.

Nesse sentido a escola também vai avançando criando cursos, após o ensino fundamental como, por exemplo, o curso ginásial com um currículo mais diferenciado, valorizando o aprofundamento do conhecimento, especialmente nas áreas das ciências.

Embora a reivindicação da comunidade política de Foz do Iguaçu pela criação da Escola Normal tenha sido embasada no argumento de que a demanda por professores habilitados era crescente e de que as vagas no Curso Normal Regional de Foz do Iguaçu eram insuficientes para atender todos os professores que desejavam uma habilitação, este não nos parece ter sido o real motivo pelo qual a elite política local reivindicou a Escola Normal Secundária. Esse argumento torna-se coerente com a função que o Curso Normal Regional de Foz do Iguaçu exerceu como formador de regentes de ensino, bem como os outros cursos instalados no Oeste do Paraná. (SBARDELOTTO, 2009, pag. 149).

Apesar de expressivo número de Cursos Normais Regionais no estado do Paraná no período de 1946 a 1961, no final da década de 1950 o grande problema enfrentado pelo governo do estado em relação à formação de professores era a falta de formação em nível secundário entre os professores primários do estado.

À medida que os núcleos do interior paranaense se urbanizavam, à demanda por escolas primárias acrescentavam-se solicitações por outros níveis de ensino. Da mesma forma, a elite política e econômica de Foz do Iguaçu passou a reivindicar a criação de um curso de nível secundário. Fruto do movimento político desse grupo social e atendendo à demanda dessa mesma classe social, a Escola Normal Secundária de Foz do Iguaçu foi criada pelo

Decreto nº 10.336 de 28 de maio de 1957, sob vigência do governo Moysés Lupion e da gestão de Vidal Vanhoni na Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Paraná, representando a primeira Escola Normal Secundária pública do Oeste do Paraná. (SBARDELOTTO, 2009, p 149).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e dentro do contexto do Plano de Metas do presidente Juscelino Kubistchek temos o asfaltamento da BR 277, ligando Assunção à Paranaguá, exigindo também a construção da Ponte da Amizade sobre o Rio Paraná, interligando Foz do Iguaçu com Ciudad del Este, no Paraguai. Esse é um marco referencial da superação do isolamento da cidade abrindo caminho para a sua rápida inserção no mercado nacional e internacional. A modernidade tão esperada transforma-se agora em uma realidade palpável, modificando radicalmente a sociedade de Foz do Iguaçu.

Como podemos perceber, as primeiras autoridades locais, estaduais e até mesmo dos países vizinhos de Foz do Iguaçu se envolveram no processo de criação da Escola Normal Secundária pública, ou seja, essa escola representava uma demanda da elite de Foz do Iguaçu e região. Além disso, havia uma forte pressão por parte de funcionários públicos residentes em Foz do Iguaçu (Receita Estadual, da Polícia Federal, do Banco do Brasil ou de militares e oficiais da Marinha), tanto pela possibilidade da continuidade dos estudos de seus filhos quanto por professores primários melhor habilitados. (SBARDELOTTO, 2009, p.152).

Ao mesmo tempo em que isso está ocorrendo há a ampliação das atividades econômicas da cidade, especialmente nas áreas de serviços, comércio, bancos, serviços públicos, e, por conseguinte, uma maior necessidade de trabalhadores mais qualificados.

Além desse fator temos que também considerar a vinda de funcionários governamentais como sejam médicos, dentistas, promotores, tanto quanto também as unidades militares do Exército, Marinha e Aeronáutica com contingentes preparados nas escolas militares para a guarda da fronteira.

Esses elementos conjuntamente possibilitarão a ampliação dos serviços educacionais com atendimento técnico à nível do que hoje conhecemos como ensino médio.

Será criada uma escola e posteriormente transformado em Colégio Agrícola para o atendimento dos filhos dos pequenos proprietários rurais quando aí serão discutidos e disseminados conhecimentos que possam promover o desenvolvimento de técnicas agrícolas e pastoris para o maior crescimento econômico de Foz do Iguaçu e região adjacente.

Da mesma forma são constituídos cursos de contabilidade com a criação Colégio Estadual Monsenhor Guilherme para o atendimento dos vários segmentos econômicos da cidade.

A falta de professores continuava sendo um grande obstáculo e para sanar, parcial e precariamente o problema, militares, funcionários do Banco do Brasil, promotores, dentistas, são transformados em professores, especialmente dos cursos noturnos para o atendimento das necessidades dos alunos.

Da mesma forma, as classes mais abastadas conseguem instalar um colégio privado na cidade – o Colégio São José das irmãs vicentinas – que tinha por objetivo fornecer o ensino fundamental para os seus alunos. Evidente também estava presente a necessidade de difusão do pensamento católico tanto entre os familiares como, principalmente, entre as crianças com a finalidade de constituir uma sociedade futura dentro dos princípios preconizados pela Igreja Católica. Nesse sentido, o ensino religioso e as práticas religiosas tinham essa finalidade principal de servir de motivação para a difusão da doutrina e prática católica.

Nessas condições se reproduzem na cidade os problemas encontrados em todo o Brasil, quer dizer, altos índices de repetência, evasão e falta de escolas para o atendimento do crescimento populacional. Assim, a escola existe na cidade, oferta vários e diferenciados cursos, mas a sua finalidade de educar fica comprometida.

Nem todos os alunos têm acesso à escola, seja porque estão fisicamente distantes delas, seja também pela necessidade de trabalho e ajuda no sustento de suas famílias, impedindo o acesso à escolarização. De alguma forma também temos a existência de escolas para os filhos das famílias mais abastadas e outras para aquelas famílias que estão em situação financeira mais difícil. A própria localização dos prédios escolares e sua arquitetura indicam essa realidade distinta. De alguma forma, a escola reproduz a sociedade, ao mesmo tempo em que é influenciada pela própria sociedade.

Fica também claro que as escolas com prédios e arquitetura sofisticada existem na área urbana central e, na medida em que a cidade cresce as periferias ficam desguarnecidas de escolas para o atendimento dos alunos dessas áreas.

Nessa sociedade a escola também cumpre um importante papel na centralidade da vida social, bastando entender que o diretor da escola é sempre apresentado, em qualquer solenidade, como sendo uma das autoridades prestigiadas da sociedade. Isso também é devido ao fato que a escola é uma instância de poder na sociedade e, portanto, tem determinados acordos, obrigações sociais que devem ser mantidos e cumpridos.

O diretor e outros funcionários cumprem o seu papel de detentores de poder na escola, realizando também estrita vigilância sobre os alunos que devem manter sempre uma determinada disciplina. A questão da disciplina supera o próprio conhecimento no sentido de controle social e mais do que isso a submissão que vai existir na sociedade, mantendo assim tudo inalterado. Assim, a escola é essencial para a vida social, isto é, para uma determinada ordem social onde os detentores de capital e os trabalhadores se encontram separados. Para Apple (2006), essa ordem social é ensinada na escola numa espécie de currículo oculto onde esse fato pesa muito mais do que a simples transmissão do conhecimento.

O governo estadual realiza a construção dos prédios escolares e a sua manutenção, contrata os funcionários, nomeia os professores e diretores e paga todos os seus salários mensais. Professores, funcionários e diretores são todos nomeados, claro, levando em conta as questões político-partidárias dos detentores do poder. Sendo assim, nem sempre coincidem as questões político-partidárias e a competência necessária para o exercício dos vários cargos que a escola necessita.

Portanto, através da escola os governos conseguem manter um determinado controle social que lhes é altamente favorável, impedindo assim que de um grupo mais culto possa haver qualquer tipo de contestação. É só na década de 70 do século XX que o Paraná começará a realizar concursos públicos para provimento de cargos de professores e funcionários e, com a Constituição de 1988 a eleição para os diretores dos colégios estaduais.

Ao município vai sendo delegado o ensino fundamental inicial, tanto quanto também a construção de seus prédios escolares e a contratação de seus funcionários e professores.

Com a instalação e funcionamento de uma escola normal (qual, onde e quando), pretende-se melhorar o atendimento, especialmente do ensino fundamental, sendo também importante fonte de geração de empregos para as mulheres, preferencialmente.

Dada a escolarização de uma parte da população podemos entender também que há um grande avanço no sentido de uma vida social mais bem organizada, mantendo determinados costumes e hábitos sociais e tendo também uma moral que passa a ser de todo o grupo educado, ou não, ou seja, da sociedade como um todo.

Isso pode significar a entrada em um processo civilizatório na medida em que se aceitam determinados comportamentos sociais e, os que assim não o fazem, passam a ser vistos como desviantes da sociedade, caminho aberto para a marginalidade social. O estar à margem da sociedade não significa a prática de atos criminosos, mas simplesmente não estar inserido na sociedade por vários e diferentes motivos, entre eles, estar fora da escola.

Em determinados momentos especiais, como por exemplo, as datas cívicas, os desfiles de alunos aparecem como sendo extremamente importantes, pois são representações de respostas à sociedade. É nesse momento que a escola se apresenta como uma instituição importante do processo de socialização que, no caso de Foz do Iguaçu tem um sentido todo especial de afirmação da nacionalidade.

Nesse sentido a escolarização cumpre papel importante na medida em que passa a constituir uma mentalidade social identificada agora com o restante do Brasil e em distinção clara com a Argentina e o Paraguai. Isso reforça um sentimento nacional e, no contexto daquele momento do final da década de 50 e início dos anos 60 todo um clima de otimismo, entendendo que a ideia fundamental do progresso adquire agora sentido, pois que chega também a regiões distantes que deixando o seu tradicional isolamento, encontram-se agora integradas na nação brasileira.

É também desse momento em diante que a cidade começa a ser trabalhada como importante ponto turístico, dadas as suas belezas naturais e a possibilidade de acesso que só tende a ser ampliado e melhorado favorecendo, sempre mais, a integração da cidade ao Brasil. Faz sentido pensar no desenvolvimento do turismo, pois que se torna viável o acesso à cidade, anteriormente de grande dificuldade possibilitando um enorme isolamento.

O surgimento na fronteira da Argentina de Puerto Iguazu e nas cabeceiras da Ponte da Amizade de Ciudad del Este indica o surgimento de um adensamento populacional inédito no sentido de aproximação de três povos com identidades próprias mas que tendem a constituição de uma nova realidade e sociedade. Esse é um dado muito importante para o futuro dessa região.

Temos também um fato muito curioso na educação que é a presença quase que exclusiva de brasileiros nas escolas em Foz do Iguaçu. Em que pese a aproximação de paraguaios e argentinos que, de alguma forma sempre estiveram próximos dos brasileiros, no entanto nas escolas de Foz do Iguaçu eles sempre estiveram ausentes. As crianças são educadas no Paraguai ou na Argentina, indicando também que para a cidade se deslocam adultos que preferem um processo educacional em seus locais de origem.

Cabe também à escola, de uma forma muito especial, o ensino e a utilização da língua portuguesa, substituindo o uso bastante corrente do castelhano por influência dos paraguaios e dos argentinos. Assim, de alguma forma, a escola tem um papel muito importante e distinto na formação da nacionalidade brasileira na região de Foz do Iguaçu.

A escola funciona para concretizar a desigualdade social, de vez que todos os seus alunos se caracterizam por procederem de famílias distintas e desiguais. Assim, passa a ser

eficiente para a sociedade, no sentido de manter as desigualdades existentes e, mais do que isso, reforçando esse comportamento e norma social.

É, portanto, bastante sintomático que a repetência e a evasão escolar ocorram em famílias de menor poder aquisitivo, até porque não dispõe de meios de contestação para determinadas situações que são criadas. Não conseguindo sucesso escolar, essas crianças e jovens levam para a vida essa profunda decepção que irá marcá-los como sendo inferiorizados socialmente. A escola não consegue realizar aquilo que seria um de seus princípios fundamentais, no sentido de gerar uma sociedade com direitos iguais para todos, atuando mais em sentido inverso fundamentando uma sociedade desigual que serve para ampliar as condições da tragédia social.

Claro que a escola como elemento de sustentação dessa sociedade tradicional vai pensar a realidade de forma diferente, muitas vezes de grande otimismo, ufanismo, mas a realidade desmente essas ideias. Ao pregar uma nação única, esquece que há grandes diferenças sociais internas, conflitos e posições antagônicas sobre vários e diferentes temas.

Na medida em que essa sociedade tradicional existe ela não tem condições de ver o progresso, menos ainda de perceber o futuro como algo concreto e palpável. Há sim a ideia de que essa imutabilidade se estenda infinitamente o que se configura como sendo positivo para os detentores do poder.

Com o início da construção da Hidrelétrica de Itaipu e a chegada, em grandes quantidades de trabalhadores, diariamente, provenientes de todas as regiões brasileiras, tudo, em Foz do Iguaçu teve que ser construído improvisada e apressadamente. A infra-estrutura da cidade, com pequenas dimensões, não poderia comportar o afluxo enorme de pessoas chegando para trabalhar na obra, todos os dias.

Tudo foi construído pela Itaipu, desde residências, hospital, clubes, tanto quanto também colégios. Inicialmente buscou-se acomodar todos na cidade, para tanto casas foram alugadas, alguns hotéis serviram para moradia de engenheiros e técnicos enquanto as residências estavam sendo construídas. Até as dependências de um colégio estadual que ainda não estava em funcionamento foram utilizadas, em caráter provisório como escola para os filhos dos trabalhadores.

O Colégio Anglo Americano do Rio de Janeiro foi contratado para atender às necessidades educacionais e começou a funcionar exatamente nas dependências desse colégio estadual, atualmente denominado de Colégio Estadual Barão do Rio Branco.

Como havia uma grande carência de professores, muitos foram trazidos do Rio de Janeiro, outros deixaram os colégios públicos e foram buscar novos empregos no Colégio

Anglo Americano cujos primeiros professores e funcionários foram contratados pelo próprio proprietário do colégio, utilizando as dependências do Hotel Salvati, no centro da cidade.

O projeto arquitetônico de construção do colégio, dentro da área de Itaipu foi copiado do chamado “modelo FUNDEPAR”, ou seja, o mesmo modelo de construção utilizado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, cujos engenheiros foram os construtores da penitenciária do Estado. Daí porque o modelo de prédio escolar tem alguma semelhança com os modelos prisionais do Paraná.

Assim que as primeiras salas de aula ficaram prontas os alunos foram, imediatamente, transferidos e à medida que o número aumentava, diariamente, novas salas também eram construídas.

Novos professores foram contratados, muitos procedentes de Belo Horizonte outros de São Paulo, de qualquer maneira, atraídos por salários mais elevados e carga horária. Buscava-se, assim, suprir as deficiências conhecidas na educação de Foz do Iguaçu especialmente no tocante à falta de prédios escolares e de professores.

O Colégio Anglo Americano fornecia educação desde a pré-escola até o final do então denominado segundo grau, tanto na modalidade regular, com aulas nos períodos matutino e vespertino, como também no período noturno com o supletivo de primeiro e segundo graus para os trabalhadores da Itaipu. Havia duas unidades escolares, a maior, de alvenaria, com 85 salas de aula, localizava-se na Vila A e uma menor, em material pré fabricado de madeira, situada na Vila C para os filhos dos operários. Nos primórdios da década de 80, quando a construção da hidrelétrica estava no auge, o Colégio Anglo Americano contava com 14.600 alunos, sendo o maior colégio de todo o Paraná.

Funcionando em três turnos, sempre lotado, a limpeza do colégio era realizada durante a madrugada. Durante o dia fazia-se uma limpeza nos banheiros e nas salas de aula de forma mais superficial. Aos sábados era realizada uma limpeza geral para que tudo estivesse pronto para o reinício das aulas na segunda feira.

Assim, o Colégio Anglo Americano traz para a cidade a modernidade: se trabalhava métodos pedagógicos baseados no tecnicismo educacional, então em moda. Semanas de prova, questões de múltipla escolha, trabalhos criativos (tanto na escola como fora dela), Feiras de Ciências, Semanas do Folclore, Festas das Nações e palestras para professores, alunos e funcionários. As equipes de apoio do colégio eram formadas por psicólogos, orientadores educacionais e pedagogos trabalhando com os alunos, professores e pais.

Como a cidade não tinha ainda cursos superiores, os alunos eram preparados para enfrentarem vestibulares nas suas cidades de origem, obtendo, ao final, bons resultados.

Como o colégio ficava “fora” da cidade, atendendo aos interesses da Itaipu e como seus professores procediam de outros centros, era viável e, até certo ponto, fácil introduzir novas práticas educacionais rompendo com uma tradição por demais ultrapassada e conservadora. Por isso mesmo, várias práticas educativas foram incentivadas, tanto quanto também novos procedimentos visando atender à demanda de alunos, provenientes de outros centros que retornariam às suas origens para a continuação de seus estudos em universidades.

Enfim, o fato de que os filhos dos engenheiros e demais altos funcionários da Itaipu tinham, nos seus locais de origem uma educação mais aperfeiçoada, influenciou fortemente para uma modernidade educacional, diga-se necessária.

Mas a rede escolar ainda incipiente lidava com problemas de difícil solução. Um dos principais continuava sendo a carência de professores habilitados. Nesse sentido, uma das alternativas foi buscar na Universidade do Oeste Paulista, localizada em Presidente Prudente, passou a ofertar cursos de licenciatura especificamente para o magistério, em alguns finais de semana. Isso possibilitava que os professores não habilitados, ou mesmo leigos, pudessem concluir rapidamente a sua licenciatura e entrassem na carreira do magistério oficial do Estado do Paraná. Vários ônibus saíam às sextas feiras de Foz do Iguaçu à noite, em direção à Presidente Prudente levando estudantes para conseguirem a sua licenciatura nas várias áreas do magistério.

## **2.1 A emergência e consolidação do Ensino Superior na região de Foz do Iguaçu**

Estamos em 1979 e a construção da hidrelétrica de Itaipu realizada dentro de um cronograma rigidamente estabelecido, implicando assim um trabalho intenso e de grandes resultados. Isso significa que a construção está em plena atividade e gerando um clima de intensa agitação na cidade, decorrente de um trabalho exaustivo durante as 24 horas do dia em 360 dias do ano civil. Só existiam cinco feriados durante o ano em que as operações ficavam paralisadas, de resto o trabalho era ininterrupto.

Foi nesse clima que se entendeu a necessidade a constituição de um curso superior na cidade que seria uma das marcas muito fortes e acentuadas de sua modernização. Ao mesmo tempo pensava-se também a necessidade de formar uma elite melhor preparada para poder dirigir a cidade frente ao que existiria posterior à construção da hidrelétrica.

Esse fato também é devido ao contraste entre um grupo minoritário na cidade, detentor do poder, ameaçado, primeiramente pela nomeação de um interventor, pois que a cidade passou a ser considerada como área de segurança nacional.

De outra forma podemos também verificar que a chegada de um grupo grande de profissionais como engenheiros, advogados, administradores, economistas, médicos, dentre outras áreas, contrastava com as elites tradicionais da cidade. Isso possibilitou a constituição de grupos de poder que se opunham, muitas vezes, mas que, de alguma forma precisavam se entender em benefício do presente e, mais ainda do futuro da cidade e região.

A Faculdade Isolada de Foz do Iguaçu nasceu da vontade e do interesse da comunidade iguaçuense em implantar na cidade e micro-região oeste do Paraná a prática do ensino superior. Em 1975 foi constituída a Fundação Educacional de Foz do Iguaçu (FUNEFI), com a participação de representantes institucionais da comunidade, como o superintendente da Itaipu Binacional, da Unicon (União de construtoras que auxiliavam na obra de Itaipu), do Rotary Clube, do Lyons, da Secretaria de Educação do Paraná, da ACIFI (Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu) entre outros, que visavam, fundamentalmente, criar e implantar na cidade de Foz do Iguaçu uma Instituição de Ensino Superior. Sua denominação inicial foi Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu (FACISA).

A FACISA, em seu projeto original, previa a implantação de quatro cursos: Administração, Ciências Contábeis, Letras e Turismo.

De acordo com a diretora Hildagard, havia, nesta época (1978), uma consciência de coletividade em todas as instituições citadas anteriormente (Rotary, Lyons, Itaipu, etc), e decidiram, de alguma maneira, colaborar para que se tornasse viável a criação de uma faculdade em Foz do Iguaçu, para trazer o ensino superior para a cidade”. Esta instituição recebeu do CEE e do MEC autorização no ano de sua criação (1979) para implantar os cursos de Administração e Ciências Contábeis. Os cursos de Turismo e Letras foram implantados no ano de 1985. A FACISA foi mantida inicialmente pela FUNEFI. A Ata de Nº 07, de 15 de dezembro de 1978, aponta este vínculo. (SILVA et al, 2004, p. 3)

Pelos personagens envolvidos podemos perfeitamente ter uma ideia clara de que os empresários da cidade, ou seja, parte de sua elite, tinha grande interesse de incentivar atividades que julgavam necessárias. Daí os motivos para o funcionamento, já no segundo semestre de 1979 de dois cursos superiores de Administração de Empresas e de Ciências Contábeis.

Os cursos de Letras na área de formação de professores e de Turismo para atendimento desse importante setor da cidade que estava crescendo e se afirmando como essencial só serão efetivados em um segundo momento até porque faltavam condições, na época, para o seu funcionamento.

A inexistência de professores formados para o atendimento da constituição e funcionamento dos cursos superiores na cidade proporcionou a necessidade de trazê-los de fora em aulas que eram realizadas nas dependências do auditório da Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu (ACIFI) nas sextas feiras, à noite, aos sábados o dia inteiro e nas manhãs de domingo. Era inicialmente duas turmas de 50 alunos cada uma delas dando início aos cursos superiores da cidade.

Como os exames vestibulares para o acesso dos alunos eram realizados semestralmente havia a necessidade de que fossem providenciados novos espaços para acomodar todos os alunos.

Nesse sentido foram ocupadas as salas de aula da Escola Municipal Parigot de Souza. As aulas eram todas no período noturno e agora, já tendo sido contratados professores, os horários de aulas passaram a ser normalizados, ocupando os dias da semana e não mais os finais de semana.

Com a criação dos novos cursos de Letras, Turismo e Comércio Exterior que só teve uma única turma, as instalações do Colégio Estadual Barão do Rio Branco foram cedidas, sendo que seus alunos do período noturno foram transferidos para outras unidades escolares estaduais, muitos deles, por ficarem longe de suas residências acabaram mesmo desistindo de estudar.

Com o contínuo aumento dos alunos, as instalações do Colégio Anglo Americano da Vila A foram utilizadas no período noturno. Isso acabou gerando grandes conflitos com a direção do Colégio Anglo Americano e também por conta que agora a FACISA funcionava, simultaneamente em dois prédios que mesmo próximos, traziam grandes transtornos e dificuldades de funcionamento.

Com o final da construção da hidrelétrica de Itaipu, as instalações pré fabricadas do Colégio Anglo Americano da Vila C foram completamente desativadas ocasionando um espaço para a utilização da FACISA, novamente unificada. Os problemas foram grandes, pois que essa era uma vila de operários da hidrelétrica de Itaipu que estava sendo esvaziada por motivo da finalização da obra.

Com a criação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) imediatamente a construção do campus da universidade, portanto aquilo que era fundamental, ter uma sede própria e definitiva.

Ampliou-se também a oferta de cursos criando-se os cursos de Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Matemática, Pedagogia, Enfermagem, Hotelaria e Direito, atendendo, aproximadamente 2.000 alunos que tem ingresso na universidade anualmente e não mais de forma semestral.

Os professores têm ingresso mediante concurso público onde as exigências de mestrado e doutorado é parte integrante dos editais dos concursos, visando atender ao prescrito na legislação quanto ao número mínimo obrigatório de professores com titulação de mestres e doutores.

A universidade atende um número considerável de alunos da região do entorno da cidade de Foz do Iguaçu, tanto quanto também de outras procedências, de forma muito especial, de várias regiões do Brasil.

Foi, portanto, a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA) e, posteriormente a sua sucessora, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) que iniciaram os cursos superiores na cidade e, posteriormente já na década de 1980, do século passado, temos uma oferta de cursos ampliada, atendendo a uma demanda reprimida, através da instalação e funcionamento de vários cursos privados na cidade.

Isso terá na cidade a marca fundamental de sua modernidade de vez que o processo industrial, símbolo maior da modernidade no Brasil, não é constituído na cidade até porque a proximidade com Ciudad Del Este, porto livre, no Paraguai inviabiliza investimentos nessa área.

De forma bastante rápida a cidade vai tomando uma nova feição de polo universitário influenciando na região de seu entorno, atendendo às necessidades de todo esse processo de modernização das relações sociais, tanto econômicas, quanto políticas, sociais e culturais. Não há mais necessidade de que os jovens tenham que se deslocarem para outras cidades com a finalidade de cursarem universidades, pois agora isso pode ser realizado na própria cidade.

Essa é uma nova realidade que começa a existir, além do que as elites da cidade são transformadas na medida em que jovens, recém formados, começam a tomar parte nas decisões, conselhos, enfim ocupam posições de destaque permitindo avanços significativos em vários segmentos sociais.

A preocupação com uma universidade de qualidade requer o aperfeiçoamento de professores que se deslocam para outras localidades com a finalidade de cursarem a pós-graduação como especialistas, mestres ou doutores.

Decorrente disso se tem uma nova forma de atuação calcada no ensino, pesquisa e extensão, metas fundamentais da universidade, de acordo com a legislação em vigor.

Mas qual o significado da universidade para a cidade e região?

O que vale para a sociedade vale para o indivíduo. Sua educação deve ser uma disciplina que o liberte da visão estreita, irracional, que lhe impõem sua família e suas próprias paixões, e a obra ao conhecimento racional e à participação em uma sociedade que a ação da razão organiza. A escola deve ser um lugar de ruptura com o meio de origem e de abertura ao progresso, ao mesmo tempo pelo conhecimento e pela participação em uma sociedade fundada sobre princípios racionais. O professor não é um educador que intervém na vida privada das crianças que não devem ser outra coisa a não ser alunos; ele é um mediador entre eles e os valores universais da verdade, do bem e do belo. A escola deve também substituir os privilegiados, herdeiros de um passado rejeitado, por uma elite recrutada através de provas impessoais realizadas através de concursos. (TOURAINÉ, 1994, p. 20).

Essa visão racional que a universidade vai trabalhando, com o tempo, começa a modificar a mentalidade das pessoas que sendo mais racionais passam a perceber as situações, os objetivos e os conflitos sociais com outras percepções responsáveis por grandes transformações que começam a existir.

Isso favorece a existência de um grande salto de qualidade expresso através de vários segmentos sociais, notadamente na administração pública, nos vários órgãos de representação e regulação profissionais, na constituição e funcionamento de organizações não-governamentais possibilitando assim uma nova realidade social, inserida no atual processo de globalização.

É fato perceptível que tomando ares de cidade grande, Foz do Iguaçu começa a viver também os grandes contrastes das desigualdades sociais com o surgimento e crescimento do favelamento na cidade oriundo de vários segmentos, expulsos de outras cidades e também provenientes do campo que vai se modernizando, expulsando pessoas.

A mobilidade na cidade passa a ser problemática, em função de um trânsito intenso, diariamente, o que exige do poder público esforços renovados no sentido de atender à essa nova situação criada, facilitando a movimentação das pessoas na cidade.

A criminalidade passa a ser um componente na vida diária da cidade, implicando uma ação mais bem articulada e organizada de todo o aparelho repressor, tanto quanto

também outras ações inovadoras na geração de empregos, ocupação de jovens, proteção a todos aqueles que estão em situação de grande risco, tudo isso exigindo da cidade novos procedimentos e formas de atuação imediata.

Essas consequências da modernização da sociedade são visíveis e perceptíveis em todas as sociedades que se industrializaram ou, se quisermos, que se tornaram progressistas, desenvolvidas, prósperas. Aqui a modernidade produz os mesmos efeitos, mas ocorre em função da instalação e funcionamentos dos nossos cursos superiores.

Mas essa modernização, através da instalação dos cursos superiores na cidade, é apenas o começo de todo um processo de transformação social, de tal sorte que, em futuro próximo as mudanças serão cada vez mais radicais.

De início no final da década de 70, do século passado, conforme sabemos havia a necessidade de formar-se uma nova elite dirigente da cidade. Em função disso vários grupos se uniram, merecendo destaque a ACIFI e a Itaipu Binacional, além da Prefeitura Municipal e vários grupos de serviço em um esforço comum que resultou na criação e instalação da FACISA que, em grande parte, conseguiu realizar os objetivos que eram propostos.

Na área da educação, professores de português passam a ser requisitados, através de concursos ou selecionados para escolas particulares que iniciam também um processo de expansão. Na medida em que possamos ter professores formados na cidade ou fora dela, há possibilidade de ampliação dos setores educacionais já com uma equipe permanente e fixa, evitando-se uma grande mobilidade anual.

O setor de turismo ganha também um grande incremento, agências de turismo são constituídas, vagas na Prefeitura Municipal são abertas, enfim a tendência da profissionalização do setor colabora para o seu maior desenvolvimento, ocorrendo tudo isso graças a instalação e funcionamento do Curso de Turismo da FACISA.

Mais do que tudo isso a instalação de cursos superiores na cidade terá um significado bem maior, destacando que a modernidade aqui não será feita pela instalação de setores industriais, mas sim pelo funcionamento dos cursos superiores. Isso vai marcar uma nova ótica da sociedade, na medida em que ela fica muito mais racionalizada e profissionalizada, visando atender às áreas econômicas da cidade, especialmente no setor terciário como marca da cidade.

É dentro dessa perspectiva que Foz do Iguaçu começa a se destacar como sendo um pólo universitário, altamente desenvolvido, influenciando toda a região do seu entorno, inclusive a cidade de Puerto Iguazu, na Argentina e Ciudad Del Este, no Paraguai. Tais

cidades, a exemplo de Foz do Iguaçu também terão um grande incremento advindo da instalação e funcionamento de vários cursos superiores.

Constitui-se assim na cidade uma massa crítica, que serve de base para o desenvolvimento da cidade em novos setores que vão começando lentamente a aparecer, projetando um futuro distinto que se pensava até então. Não se firma na cidade uma região industrial, no entanto estão abertas várias oportunidades para empreendimentos que necessitam de grande conhecimento científico-tecnológico.

Persiste, no entanto, uma mentalidade muito aquém de uma vida universitária, de vez que os setores de pesquisa e extensão ainda são pouco destacados e menos ainda valorizados. Pensa-se a universidade muito mais como a transmissão do saber acumulado do que o empreendimento de um saber inovador, que possa chegar até a sociedade, modificando-a para a melhor qualidade de vida para todos.

Isso também pode ser percebido de vez que não existem espaços destinados aos universitários como sejam bares, por exemplo, ou então festivais apropriados de música, enfim todo um trabalho cultural que, normalmente, acompanha a vida das universidades. Tudo isso se encontra ainda de forma muito incipiente, havendo um grande sentido de improviso, realizando algumas atividades que geralmente tem curta duração no tempo.

É notória, nesse sentido, a vida pouco expressiva do movimento estudantil, pois os diversos diretórios acadêmicos acabam sendo transformados em organizações burocráticas para atendimento de necessidades dos alunos. Assim eles não funcionam como órgãos de representação discente, menos ainda como lugares apropriados para os grandes debates da cidade, região ou mesmo da nação. Não há qualquer envolvimento maior com a sociedade, sendo completamente omissos em várias questões pendentes na cidade.

Semelhante a esse fato é também a pouca ou nenhuma atuação dos sindicatos dos professores e mesmo dos demais funcionários das universidades. São transformados em órgãos homologadores de tudo o que acaba sendo decidido pelos detentores do poder nas universidades que é repassado para os professores e funcionários.

Se alguma movimentação existe esta é por parte dos professores e funcionários das universidades públicas, mas acaba sendo restrito a elas com manifestações de paralisação e greves, quando as negociações, em nível de governo deixam de existir. Afora isso os sindicatos são muito pouco operantes.

Tudo isso leva à ideia da pouca ou quase nenhuma inserção das universidades na vida da cidade. É comum que as pessoas desconheçam mesmo algumas faculdades dadas a sua pequena ou nenhuma participação na cidade. Por vezes pessoas que chegam de outras

idades para ministrar cursos encontram dificuldades para localizar as universidades, pois que os taxistas as desconhecem completamente.

Isso é revelador das relações que ainda persistem de uma sociedade tradicional, conservadora frente às transformações que estão sendo realizadas. É natural que tudo isso implique em novas formas sociais, novos jogos de poder e, também por isso mesmo, o desconhecimento dessa realidade por parte da sociedade.

Também as universidades, na medida em que se volta para si mesma, de alguma forma constroem um muro no seu entorno, de sorte que forma-se uma situação, no mínimo curiosa entre os membros da universidade e os demais cidadãos da cidade. O fato de que a universidade tenha pouca ou nenhuma inserção social, mostra ainda o distanciamento que ela se encontra em relação à cidade. A sua maior inserção possibilitaria, sem a menor sombra de dúvida, toda uma série de atitudes e atividades fundamentais para a maioria dos cidadãos.

Mas na antiga FACISA e também nos primórdios da UNIOESTE pensou-se em realizar algum tipo de influência e, para tanto, nos momentos de eleições municipais, os candidatos a prefeito lá compareciam para exporem as suas ideias, serem devidamente sabatinados pelos alunos. Isso talvez possibilitasse que, posteriormente, os eleitos envolveriam a faculdade dentro dos quadros políticos da cidade ou da administração municipal permitindo uma maior racionalidade e profissionalização. Como esse fato não ocorreu como uma forma de uma discussão mais aprofundada, não foi suficiente para envolver a faculdade na administração da cidade e, menos ainda, no poder de decisão de várias opções que a cidade poderia construir em vários setores.

Da mesma forma trabalhos de pesquisa que poderiam ser desenvolvidos em vários setores da cidade visando conhecer melhor a nossa realidade para, posteriormente, ter uma ação mais eficiente, infelizmente pouco ou nada foi feito nesse sentido. Isso faz com que tenhamos ainda hoje pouco conhecimento de nossa realidade, tanto que existem poucas obras publicadas sobre a cidade que contenham um conhecimento mais aprofundado.

Tratando-se de uma cidade turística, tendo inclusive em funcionamento um curso de Turismo, de nível superior, seria muito importante e até fundamental para a sua existência a realização de toda uma série de pesquisas objetivando dar um cunho mais profissional a este que é um setor de prestação de serviços fundamental na cidade. O fato de não termos indústrias possibilitou, dadas as nossas condições naturais, o desenvolvimento do turismo, hoje importante segmento econômico em todo o mundo.

A instalação do curso de Ciência da Computação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná abrirá esse novo caminho para a integração da cidade na nova economia agora globalizada.

Criado em 2003, o Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) é um ambiente inovador de disseminação e desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos. Fazendo parte do PTI a UNIOESTE instala os novos cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica buscando atender às necessidades do presente e, mais importante, as de futuro próximo. Assim os novos paradigmas da sociedade global começam a ser, efetivamente, implantados na cidade de Foz do Iguaçu, com grande sucesso e possibilidades reais de desenvolvimento, cada vez maior. O PTI também funciona visando a aproximação do conhecimento científico-tecnológico através da UNIOESTE e da Universidade Aberta do Brasil com a sociedade e com o mundo empresarial local, regional e internacional, envolvendo representantes do Paraguai e da Argentina.

A classe dos docentes e dos cientistas é, no novo estado industrial, a força social emergente, o novo sujeito da evolução social. A força e o prestígio ligados a esse papel derivam obviamente do fato de eles deterem o fato de produção decisivo. Essa classe é, por sua vez, composta de três subconjuntos: um interno à tecno-estrutura (cientistas, engenheiros, etc.); um externo (funcionários públicos, escritores, jornalistas, artistas); e um terceiro em contínua osmose com o sistema, como reproduzidor do agente produtivo de que este se serve (o conjunto dos docentes e intelectuais ligados à universidades, às escolas, aos institutos de pesquisa, etc.) (DE MASI, 2000, p. 140).

O PTI trabalha em várias áreas que vão de incubadoras de empresas, envolvendo alunos e ex alunos dos cursos da UNIOESTE buscando colocá-los no mercado de trabalho como empreendedores e constituindo assim novas empresas na cidade, envolvendo tecnologia de ponta para suportar os novos desafios que vão surgindo.

De outra forma trabalha também junto a Itaipu que tem a sua universidade corporativa buscando o aperfeiçoamento tecnológico constante, necessário para o pleno funcionamento da usina hidrelétrica. Também atua no sentido de lidar com questões ambientais junto à Itaipu, cidade e região, com tudo aquilo que pode ser necessário e moderno para ter uma maior eficácia de sustentabilidade. Criado pela Itaipu Binacional, um pólo turístico que envolve a usina hidrelétrica e todos os seus equipamentos é o ECOMUSEU. Ligado aos setores do meio ambiente e a prática de esportes, esse novo segmento é trabalhado no contexto do PTI para alcançar maior eficácia e mais amplo desenvolvimento.

Ainda existem grupos de pesquisa e estudos da Bacia do Prata, de problemas climáticos, enfim de vários setores inovadores, buscando sempre parcerias público privadas no sentido de melhorar a situação da sociedade local, regional e transnacional.

Podemos afirmar que o PTI se constitui num pólo de disseminação de inovação e empreendedorismo no contexto da nova sociedade informática, buscando orientar as transformações por que passa a sociedade, tanto em Foz do Iguaçu quanto também no entorno do Lago de Itaipu e mesmo na região transnacional envolvendo as áreas limítrofes com o Brasil da Argentina e do Paraguai. O PTI tem também ações educativas para as comunidades de baixa renda existentes na cidade de Foz do Iguaçu especialmente as mais próximas da Itaipu Binacional. Para os adolescentes há toda uma série de projetos onde a participação só é possível, se eles provarem estar frequentando regularmente alguma escola no momento em que estão em atuação junto ao PTI. É, dessa forma, que o PTI trabalha também a questão essencial da inclusão social, visto que a sociedade possui grandes e gritantes desigualdades sociais.

Presentemente, assistimos a instalação da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), que tem por objetivo disseminar o conhecimento científico-tecnológico no contexto da América Latina. A UNILA se apresenta com uma proposta de desenvolver de forma moderna e articulada questões concernentes ao conhecimento, não mais tanto especializado, senão criando mecanismos de aproximação dos vários saberes visando a ter novamente uma visão do todo e não apenas das partes.

Isso significa tentar constituir uma universidade que tenha como fundamento essa nova proposta metodológica que seja capaz de constituir um conhecimento científico tecnológico não somente original, novo, mas que tenha as suas bases em tudo aquilo que já foi desenvolvido até agora na história da humanidade.

Para a constituição da UNILA foi feita ampla consulta à comunidade científica nacional e internacional mostrando o que se pretendia e quais os objetivos, enfim o que era a universidade que buscava a integração latino americana ao mesmo tempo a inovação com o que existe de mais moderno na área do conhecimento científico-tecnológico. A UNILA deixa claro que se busca a interdisciplinaridade e, decorrente desse fato novos e originais currículos deverão ser trabalhados, de vez que nada existe no mundo que possa servir de base para essa universidade.

Já funcionando em instalações provisórias enquanto os prédios definitivos vão sendo construídos, contando com, aproximadamente 1.400 alunos de vários países latino americanos que iniciam cursando um dos 16 cursos de graduação que estão sendo ofertados. Os cursos

têm causado alguma estranheza já que não são os cursos tradicionais de uma universidade e sim cursos novos, no sentido de atender à determinadas demandas muito próprias da sociedade latino americana, tanto quanto também dada a sua forma interdisciplinar. Por exemplo, não é ofertado o curso de Engenharia Civil e sim o de Engenharia de Grandes Estruturas, não se oferta Direito e sim Direitos Humanos (Comissão da Implantação da UNILA).

Constitui-se a UNILA no grande avanço do conhecimento científico tecnológico buscando também aproximar a comunidade científica da realidade vivida em toda a América Latina, transformando a cidade de Foz do Iguaçu num pólo disseminador do conhecimento mais avançado que podemos trabalhar. Nesta década a UNILA deverá estar consolidada atendendo a cerca de 10.000 alunos, sendo 50% brasileiros e os outros 50% procedentes dos vários países latino americanos. É assim que toda a inovação do ensino superior da América Latina passa pela UNILA que conseguirá colocar no cotidiano da universidade tudo aquilo que se está, neste momento, discutindo teoricamente.

Ao mesmo tempo em que também está sendo constituído na cidade de Foz do Iguaçu o Instituto Federal Tecnológico ofertando cursos técnicos, de nível médio para, posteriormente ter também atendimento na área do ensino superior. A pretensão é que nesta década sejam ofertados cursos para o atendimento de 5.000 estudantes. O pólo universitário de Foz do Iguaçu que conta hoje com, aproximadamente 85 cursos e 14.500 alunos terá um acréscimo, nesta década de 15.000 alunos, sendo que destes 5.000 serão provenientes de todos os países latino americanos. Seremos, pois, um pólo universitário de grande envergadura e importância tanto na diversidade de cursos que serão ofertados quanto também na sua originalidade (Comissão da Implantação da UNILA).

Com certeza tudo isso acabará gerando também o alto desenvolvimento da pós-graduação com cursos de mestrado e doutorado, significando impulso para os setores de pesquisa, essenciais para o desenvolvimento de toda a economia e sociedade latino americana.

A interação entre os estudantes universitários e a sociedade de Foz do Iguaçu deverá ser intensa para tanto já está sendo constituído um centro cultural na cidade, patrocinado pela UNILA com a finalidade de promover várias atividades de cunho cultural inovador, envolvendo os habitantes da cidade e promovendo a aproximação necessária entre a universidade e a sociedade. Também é possível vislumbrar em futuro próximo novos projetos que serão desenvolvidos pelas universidades e seus vários cursos, tendo por finalidade além do ensino e das suas pesquisas, atender também às peculiaridades de uma região marcada pelo alargamento ou mesmo inexistência de fronteiras como seja essa região trinacional.

### 3 REFLEXÕES FINAIS

Agora no século XXI, Foz do Iguaçu vive uma nova realidade. O setor que mais tem crescido, na área de prestação de serviços, está ligado à expansão do ensino superior. De 100 alunos em 1979 chegamos a algo em torno de 14.500 alunos atualmente, de 2 cursos superiores temos atualmente a oferta de mais de 85 cursos superiores (Dados da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2012).

Isso mostra que estamos vivendo uma nova realidade, no sentido de dinamizar a nossa economia na área mais atualizada que é justamente o setor de prestação de serviços. Turismo, hotelaria, comércio e agora também ensino superior passam a constituir o perfil da economia de Foz do Iguaçu. Mas tudo isso tem origens mais profundas que precisam ser analisadas. Os novos paradigmas do conhecimento estão sendo modificados rapidamente, entendendo que hoje é fundamental ter uma visão mais global, generalista para poder fazer face aos problemas que estamos enfrentando.

Assim, da especialização do conhecimento há necessidade premente de uma aproximação das várias áreas especializadas constituindo o que podemos denominar como sendo a interdisciplinaridade. Evidente que o conhecimento especializado trouxe todo o avanço da moderna ciência e mais ainda da tecnologia que nos possibilitou termos os avanços necessários na sociedade.

Ocorre que agora com a denominada Revolução Tecnológica há necessidade de um avanço muito maior possibilitando o diálogo permanente, a busca dos pontos comuns entre os vários saberes acumulados. Só que isso implica em várias outras questões, começando por uma transformação radical na maneira de pensar e comportar-se nos meios universitários.

Para Castells (2000) existem cinco características que marcam o atual momento de transformações em âmbito mundial e que afetam todo o segmento social, político, econômico, educacional e, por que não dizer, ideológico.

A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores. (CASTELLS, 2000, p. 78-79)

O segundo aspecto refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias. Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados, embora com certeza, não determinado pelo novo meio tecnológico. (CASTELLS, 2000, p. 78-79)

A terceira característica refere-se à lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece esta bem-adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. Essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada. E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana. (CASTELLS, 2000, p. 78-79)

Em quarto lugar, referente ao sistema de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, o paradigma da informação é baseado na flexibilidade. Não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional. Tornou-se possível inverter as regras sem destruir a organização, porque a base material da organização pode ser reprogramada e reaparelhada. Porém, não devemos evitar um precipitado julgamento de valores ligado a essa característica tecnológica. Isso porque a flexibilidade tanto pode ser uma força libertadora como também uma tendência repressiva, se os redefinidores das regras sempre forem os poderes constituídos. (CASTELLS, 2000, p. 78-79)

De acordo com Castells (2000) as redes são criadas não apenas para comunicar, mas para ganhar posições, para melhorar a comunicação. Portanto, é essencial manter uma distância entre a avaliação do surgimento de novas formas e processos sociais, induzidos e facilitados por novas tecnologias, e a extrapolação das consequências potenciais desses avanços para a sociedade e as pessoas: somente análises específicas e observação empírica conseguirão determinar as consequências da interação entre as novas tecnologias e as formas sociais emergentes. Mas também é essencial identificar a lógica embutida no novo paradigma tecnológico.

Então, uma quinta característica dessa revolução tecnológica é a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado. Assim, a microeletrônica, as telecomunicações, a optoeletrônica e os computadores são todos integrados nos sistemas de informação. Ainda existe, e existirá por algum tempo, uma distinção comercial entre fabricantes de chips e desenvolvedores de software, por exemplo. Mas até mesmo essa diferenciação fica indefinida com a crescente integração de empresas em alianças estratégicas e projetos de cooperação, bem como pela incorporação de software também nos componentes dos chips. Além disso, em termos de sistemas tecnológicos, um elemento não pode ser imaginado sem o outro: os microcomputadores são em grande parte determinados pela capacidade dos chips, e tanto o projeto quanto o processamento paralelo dos microcomputadores dependem da arquitetura do computador. As telecomunicações agora são apenas uma forma de processamento da informação, as tecnologias de transmissão e conexão estão, simultaneamente, cada vez mais diversificadas e integradas na mesma rede operada por computadores. (CASTELLS, 2000, p. 78-79)

Todo esse quadro ensejou grandes transformações em várias e diferentes áreas quer sejam econômicas, sociais, objetivando atingir metas de desenvolvimento que implicassem superar a crise do endividamento, permitindo a inclusão do continente no projeto de globalização.

Sabe-se que na atualidade o mundo gira através do conhecimento, sendo este mais importante do que o capital, uma vez que sem ele é impossível o seu processo de acumulação de capital. Se anteriormente o conhecimento não tinha tanta importância servindo para manter determinadas estruturas sócio-econômicas, agora ele passa a ser propulsor do desenvolvimento capitalista. Sem conhecimento torna-se inviável qualquer projeto de desenvolvimento.

Como, no presente momento, o processo de acumulação de capital ocorre principalmente no setor secundário da economia, isto é, nas áreas de prestação de serviços e comércio, faz-se necessário preparar quadros em toda a América Latina que possam impulsionar as suas respectivas economias, visando uma situação de maior competitividade e consequente prosperidade para todos os seus povos.

Alia-se a esse projeto algo de maior peso e conteúdo: formar os quadros dirigentes tanto dos vários estados latino americanos, quanto dos dirigentes empresariais de sorte a consolidar um poder solidário frente às nações ricas e poderosas do planeta. O Brasil atua nessa estratégia de médio e longo prazo, visando ter uma hegemonia na América Latina como

condutor dos demais estados nas suas reivindicações e propostas frente à comunidade internacional.

Evidente que podemos antever o futuro de Foz do Iguaçu que começamos a traçar quando do término das obras da hidrelétrica de Itaipu. Temos consciência que estando no Brasil a sociedade organizada em Foz do Iguaçu sofre também com imensas desigualdades sociais, existentes em todo o território nacional.

Mas, além disso, e da miserabilidade de grande parte de nossa população é também perceptível as grandes transformações que estamos vivendo, significando mudanças na organização de nossa sociedade.

Foz do Iguaçu organizou-se como tendo uma economia terciária no setor de prestação de serviços, notadamente nas áreas de turismo e hotelaria, mas também com forte presença no comércio, tanto local quanto, principalmente internacional com as suas vizinhas, Puerto Iguazu, na Argentina e Ciudad Del Este, no Paraguai.

Disso surge uma nova realidade onde as três cidades estão muito próximas, vivendo sempre uma também em função das outras, possuindo meios de transportes com linha de ônibus urbano, única no mundo, pois que transnacional.

Isso também enseja o surgimento de uma sociedade pluricultural em Foz do Iguaçu, onde as pessoas convivem harmoniosamente com os seus diferentes sem que quaisquer problemas tenham sido registrados por questões étnicas.

No momento em que a economia passa a ter um perfil globalizado, onde o mercado global supera os mercados nacionais, a convivência com os diferentes é fundamental para todo o desenvolvimento dessa perspectiva nova que é a globalização. Assim de alguma forma estamos também localizados na fronteira mais avançada desse projeto globalizador, na medida em que vivemos em nosso cotidiano essa aproximação com os diferentes.

Esse fato também foi motivador da criação e entrada em funcionamento do Mercado do Sul formado, inicialmente pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai que, mesmo tendo a sua sede oficial em Montevideo, no entanto, para efeitos mais práticos e rotineiros é Foz do Iguaçu a sua porta de entrada.

Mas tudo isso também é fruto da Revolução Tecnológica dos anos 80 do século passado onde os setores produtivos passam a ser informatizados, exigindo assim que toda a economia seja ela também informatizada, tanto quanto os mercados produtores e consumidores de bens.

Devido a esse fato, presente no cotidiano das pessoas, o conhecimento passou a ser essencial para o desenvolvimento das sociedades e, principalmente, para o processo de

acumulação de capitais. Uma sociedade sem conhecimento está condenada a não conseguir ingresso no atual mundo globalizado e, ficando à margem, terá todas as suas consequências para a sua população.

O fato mais significativo para Foz do Iguaçu é a sua transformação em polo universitário, sem que isso tenha sido pensando anteriormente. Os primeiros cursos superiores vão surgir em função das transformações que a cidade estava vivendo por conta da construção da hidrelétrica de Itaipu nos finais da década de 70 do século XX.

Da primeira instituição superior da cidade a FACISA até a criação e instalação da UNILA são passados mais de três décadas, tempo em que foram constituídos vários cursos, aproximadamente 85, atendendo algo em torno de 14.500 alunos. O funcionamento da UNILA aliado ao do IFPR vai conseguir dobrar o número de alunos somente nesta década.

Diante desse quadro vislumbra-se para Foz do Iguaçu um futuro, não só distinto do presente como altamente inovador que, de alguma maneira, é absolutamente impossível de ser visto agora com tudo o que o presente está nos fornecendo. Certamente o futuro será muito diferente do presente, inaugurando uma nova fase na vida da cidade.

De pequena cidade, perdida nos “sertões paranaenses” em 1914 quando foi elevada a Município para agora, quando está prestes a completar o seu primeiro centenário, contendo a maior produção de energia do planeta e ocupando uma região estratégica na América Latina como porta de entrada do Mercosul e alavanca de transformação dos países latino americanos com a UNILA, passando por ter o Parque Nacional do Iguaçu, extrapolando as fronteiras com a Argentina, hoje tombado como patrimônio natural da humanidade pela UNESCO.

É no Parque Nacional do Iguaçu na fronteira entre o Brasil e a Argentina que estão localizadas as magníficas e exuberantes Cataratas do Iguaçu, recentemente reconhecidas como sendo uma das sete maravilhas naturais de todo o mundo.

Mas a cidade, constituída depois de Puerto Iguazu na Argentina e bem antes de Ciudad Del Este no Paraguai, Foz do Iguaçu assume, indiscutivelmente, uma liderança em toda essa região transfronteiriça, sinalizando uma nova realidade que deixa de ser tipicamente brasileira, argentina ou paraguaia para se constituir no Polo Internacional do Iguaçu, conforme já vem sendo pensado.

Provavelmente uma das questões mais interessantes que temos é a formação da sociedade de Foz do Iguaçu, onde estão presentes vários grupos étnicos de diferentes origens planetárias. Isso dá uma grande riqueza e essa sociedade possibilitando também uma convivência harmoniosa entre os diferentes sem que qualquer registro exista de hostilidade por conta de diferenças étnicas.

Não só isso é muito difícil no mundo atual como também é uma sinalização das sociedades futuras dentro da concepção do mundo globalizado. Sem essa convivência todo o projeto de globalização corre sério risco de fracasso, pois que as diferenças poderão ser transformadas em conflitos abertos e bélicos.

Evidente que ainda teremos muito a construir especialmente no que diz respeito a diminuição das desigualdades sociais e ao fim das condições sub humanas de vida. Infelizmente isso não pode ser previsível pois que existem várias atenuantes que ainda não conhecemos e que, certamente, exercerão grande influência.

Mas assim como Brasília marca o ciclo da modernidade na década de 60, Foz do Iguaçu complementa essa mesma modernidade na década seguinte com a construção da maior usina hidroelétrica em seu território.

O fim ou esgotamento da modernidade ocorre quando os padrões da racionalidade não são mais suficientes para a explicação e construção da sociedade. A complexidade da vida social passa a exigir novas relações, procedimentos em tudo aquilo que acabou ficando mesmo conhecido como sendo os novos paradigmas da sociedade.

Evidente que a racionalidade construiu toda uma sociedade que persiste até o presente momento e permanecerá por muito tempo ainda, não podendo ser descartada mas também é preciso pensar que ela sozinha não mais consegue dar conta da vida em sociedade.

Ao colocar nos seus primórdios o homem como sendo um animal social, ou seja, pertencente a natureza mais distinto por ser capaz de racionalizar as coisas, essa perspectiva encontra-se já ultrapassada na medida em que já sabemos que o homem é bem mais rico, complexo, tendo também outras necessidades fundamentais como sejam o afeto, o desejo, a comunicação e por aí vai.

Estamos, portanto constituindo uma nova sociedade, dentro de uma plataforma de evolução do conhecimento científico tecnológico que será também capaz de construir uma nova sociedade abrigando um novo ser humano cujas origens também estão postas no presente, especialmente pela sua diferenciação do outro e aceitação de outras formas de vida e do viver em sociedade. Essa tolerância como sendo a marca da sociedade em que estamos agora inseridos, será também o sinal de uma nova sociedade que vai se pautar pela convivência harmoniosa entre os diferentes.

**BIBLIOGRAFIA**

- APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. Porto Alegre: Artmed, 1979.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CATTA, Luiz Eduardo Pena. **A Face da Desordem Pobre e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu 1964 -1992)**. São Paulo: Blucher, 2008.
- CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O Cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: A guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- COMISSÃO da Implantação da UNILA – **A UNILA em Construção**. Curitiba: Pallotti, 2009.
- COMISSÃO da Implantação da UNILA – **UNILA CONSULTA INTERNACIONAL**. Curitiba: Pallotti, 2009.
- COTRIM, John Reginald. **Notas sobre os antecedentes de Itaipu Binacional**. Rio de Janeiro: Reflexus, 1999.
- DE MASI, Domenico. **A Sociedade Pós Industrial**. São Paulo: Senac, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **L'Étíque de La libération i l'ére de La mondialisation et de l'exclusion**. L'Harruatten, Paris, 2002.
- EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento do Oeste do Paraná e a construção da Escola**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1992 – Dissertação de Mestrado.
- FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KERN, Arno Alvarez. **Missões: Uma Utopia Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003
- MAZZAROLLO, Juvêncio. **A Taipa da Injustiça**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MOFFIT, Michael. **O Dinheiro do Mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 1985
- MYSKIW, Antonio Marcos. **A Fronteira como Destino de Viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888 – 1907)**. Guarapuava: Unicentro, 2011.
- NEWTON, Isaac. **Principia – Princípios Matemáticos de Filosofia Natural (Livro III)**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PHILIPPI JR, Arlindo & SILVA NETO, Antonio J. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri: Manole, 2011.

POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no centenário**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980.

PONMER, León. **A Guerra do Paraguay**. São Paulo: Global, 1981.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Dados Estatísticos, 2012.

Raynaut, Claude in Arlindo & SILVA NETO, Antonio J. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri: Manole, 2011

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Itaipu, a dança as Águas. Histórias e Memórias de 1966 a 1984**. Unicamp, 2006. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Memórias do Concreto. Vozes na construção de Itaipu**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. São Paulo: DP&A, 2000.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. **História da criação do Colégio Estadual Bartolomeu Mitre o primeiro grupo escolar do Oeste do Paraná Contexto Histórico (1889-1930)**. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) UNIOESTE, Cascavel, 2007

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. **O Desenvolvimento dos Cursos de Formação de Professores Primários na Fronteira Oeste Paranaense e a criação da Primeira Escola Normal Secundária Pública de Foz do Iguaçu e do Oeste do Paraná**. Universidade Estadual de Ponte Grossa, UEPG, 2009. Dissertação de Mestrado.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SILVA, Amarildo Jorge et al. **O Processo de criação da IESS FACISA/UNIOESTE INPEAU – UFSC**, Florianópolis, 2004.

SILVEIRA NETO, Manuel Azevedo. **Do Guaíra aos Saltos dos Iguassú**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

TAVARES, Moura Tais. **Gestão Pública do Sistema de Ensino no Paraná (1995-2002)**. PUC-SP, 2004. Dissertação de Mestrado.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Raízes da Modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageiros, Mensus e Colonos**. Curitiba: Editora Vicentina, 1982.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.